



PARÁ Industrial

FEVEREIRO/MARÇO 2013 • ANO 6 • EDIÇÃO 23

INDÚSTRIA DO COURO QUER EXPANSÃO

UM DOS MAIORES PRODUTORES BOVINOS DO BRASIL, O PARÁ PERDE MERCADO DEIXANDO DE BENEFICIAR O COURO E OUTROS PRODUTOS DERIVADOS DO BOI. EMPRESÁRIOS E ENTIDADES DO SETOR PRETENDEM MUDAR ESSE CENÁRIO.

SESI GINÁSTICA NA EMPRESA.

QUALIDADE DE VIDA PARA O TRABALHADOR.
CRESCIMENTO PARA A EMPRESA.



O Sesi Ginástica é um programa de atividades físicas dentro do local de trabalho. As aulas promovem a adoção de hábitos saudáveis, reduzem dores localizadas, aliviam o estresse, despertam para tarefas que exigem maior concentração e educam para um estilo de vida mais saudável, por meio de exercícios de alongamento, educação postural, consciência corporal e de atividades divertidas e motivantes.

Participe você também!



Eleita pelo Prêmio Marca Brasil, a melhor marca de Ginástica Laboral do país.

Contrate pelo telefone:
(91) 4009 4983





16

Governo do Pará e empresários discutem a implantação de um polo de beneficiamento de couro no estado para aumentar a geração de renda ligada a essa atividade

14

Indústria paraense da pesca busca mais oportunidades nos mercados nacional e internacional, aproveitando o potencial de produção e corrigindo falhas

22

Empresas apostam na qualificação de empregados como auditores internos para manter o padrão de qualidade e melhorar o conhecimento geral sobre os processos

26

Sinduscon-Pa lança guia para orientar compradores e empresas sobre os cuidados na aquisição de imóveis

30

Com planejamento e qualificação, é possível trilhar um caminho de sucesso profissional. O IEL aponta quais são os cursos e profissões mais promissoras nos próximos anos.

36 Cursos do Pronatec abrem as portas da educação profissional para milhares de brasileiros

40

Empresas melhoram o ambiente de trabalho e promovem a saúde com o apoio do programa Indústria Saudável

SEÇÕES

↳ Editorial
Pág. 5

↳ Radar da Indústria
Pág. 6

↳ Direitos e Deveres
Pág. 24

↳ Vida Corporativa
Pág. 44

ARTIGO

↳ Fábio Abdala
Pág. 29



NOSSO PRINCIPAL OBJETIVO É REDUZIR PERDAS, MELHORAR A QUALIDADE E ADEQUAR O QUADRO DE PESSOAL."

ENTREVISTA com o presidente da Celpa, Nonato Castro

DIRETORIA DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARÁ/FIEPA QUADRIÊNIO 2010/2014

PRESIDENTE

José Conrado Azevedo Santos

VICE-PRESIDENTES

Sidney Rosa • 1º Vice-Presidente
 Gualter Parente Leitão • 2º Vice-Presidente
 Manoel Pereira dos Santos Júnior
 Nilson Monteiro de Azevedo
 Roberto Kataoka Oyama
 Luiz Carlos da Costa Monteiro
 Hélio de Moura Melo Filho
 José Maria da Costa Mendonça
 Luiz Otávio Rei Monteiro
 Juarez de Paula Simões
 Marcos Marcelino de Oliveira

SECRETÁRIOS

Elias Gomes Pedrosa Neto • 1º Secretário
 Antonio Djalma Souza Vasconcelos • 2º Secretário

TESOUREIROS

Ivanildo Pereira de Pontes • 1º Tesoureiro
 Roberto Rodrigues Lima • 2º Tesoureiro

DIRETORIA

Carlos Jorge da Silva Lima
 Antonio Pereira da Silva
 Pedro Flávio Costa Azevedo
 Rita de Cássia Arêas dos Santos
 Cezar Paulo Remor
 Antonio Emil dos Santos L. C. Macedo
 Solange Maria Alves Mota Santos
 André Luiz Ferreira Fontes
 Raimundo Gonçalves Barbosa
 Frederico Vendramini Nunes Oliveira
 Darci Dalberto Uliana
 Fernando Bruno Barbosa
 Neudo Tavares
 Armando José Romanguera Burle
 Paulo Afonso Costa
 Nelson Kataoka

CONSELHO FISCAL

Efetivos:
 Fernando de Souza Flexa Ribeiro
 Luizinho Bartolomeu de Macedo
 Lísio dos Santos Capela

Suplentes:

José Duarte de Almeida Santos
 João Batista Correa Filho
 Mário César Lombardi

DELEGADOS

Efetivo junto à CNI:
 José Conrado Azevedo Santos

Suplentes junto à CNI:

Shydney Jorge Rosa
 Gualter Parente Leitão
 Manoel Pereira dos Santos Júnior

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO SESI

José Olímpio Bastos

DIRETOR REGIONAL DO SENAI

Gerson dos Santos Peres

DIRETOR REGIONAL DO IEL

Gualter Parente Leitão

CHEFE DE GABINETE DA FIEPA

Fabio Contente Biolcati Rodrigues



FEVEREIRO/MARÇO DE 2013
ANO 6 • EDIÇÃO 23

temple
 COMUNICAÇÃO

PRODUÇÃO

Travessa Benjamin Constant, nº 1416
 Bairro Nazaré | Cep: 66035-060
www.temple.com.br
temple@temple.com.br

REDAÇÃO

Coordenação: Cleide Pinheiro
Edição: Camila Gaia e Izabelle Aguiar de Araújo
Projeto gráfico: Calazans Souza
Tratamento de imagem e diagramação: Márcio Alvarenga e Fernando Façanha
Reportagens: Bárbara Brilhante, Izabelle Aguiar de Araújo, Juliana Gatto, Lívia Almeida, Lorena Nobre Dourado, Paloma Miranda, Paulo Henrique Gadelha, Tom Lima, Valéria Barros e Yuri Age
Arte da capa: Fernando Façanha
Revisão de texto: Carol Magno
Revisão de conteúdo: Ivanildo Pontes

PUBLICIDADE

Temple Comunicação
temple@temple.com.br
 (91) 3205-6504
Impressão: Marques Editora
Tiragem: 15.000 exemplares

** As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento da FIEPA.*



FALE COM A PARÁ INDUSTRIAL

www.fiepa.org.br

Assessoria de Comunicação da Fiepa
 Travessa Quintino Bocaiuva, nº 1588, 7º andar. CEP: 66035-190. Belém (PA)
 (91) 4009-4900 / 3224-1995
 Comentários e sugestões de pauta: ascom@fiepa.org.br

twitter

Siga o nosso perfil
 @sistemaFIEPA

facebook

Curta
 /sistemaFiepa



NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA

JOSÉ CONRADO SANTOS

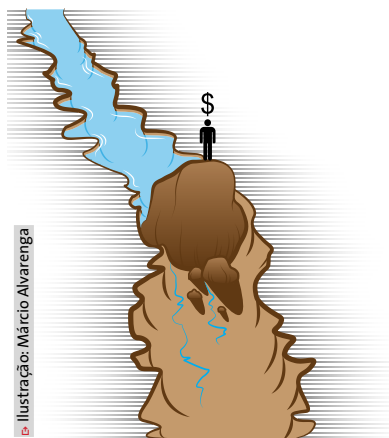
PRESIDENTE DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARÁ (FIEPA)

A tão prometida verticalização do minério de ferro produzido na região pela Aços Laminados do Pará (Alpa) corre sério risco de ser inviabilizada, obrigando o Pará a manter-se como mero produtor de matéria-prima. O motivo para tamanha frustração está localizado na região do Pedral do Lourenço. Sem o derrocamento das pedras o rio Tocantins não será navegável os 12 meses do ano e as Eclusas de Tucuruí, inauguradas em novembro de 2010 e com um custo de R\$ 1,6 bilhão, podem se tornar um elefante branco.

A Alpa, da Vale, era tida como prioridade do Governo Federal como forma de fomentar novos investimentos estruturantes na região norte do Brasil, trazendo benefícios à economia por meio da agregação de valor à cadeia produtiva e, em especial, da oferta de empregos. Um estudo da Rede de Desenvolvimento de Fornecedores do Pará (Redes), da FIEPA, indica que o investimento de R\$ 8 bilhões para a instalação da siderúrgica se desdobraria em 18 mil empregos diretos. De todos os projetos listados pelo estudo da Redes, a Alpa se destaca como o mais eficiente no estímulo de novos postos de trabalho para a região de Carajás. Dos 64.913 empregos a serem criados até 2016, cerca de 30% são atribuídos ao projeto da siderúrgica.

Além de deixar de criar 18 mil novos empregos para o município de Marabá, onde a siderúrgica deveria ser instalada, não investir em um projeto tão relevante ao desenvolvimento socioeconômico do Pará é jogar um “balde de água fria” nos investidores locais que acreditaram no discurso do Governo Federal. Naquele momento de promessas, o ex-presidente Lula chegou a vir ao Pará para participar, ao lado da então governadora Ana Júlia Carepa, do lançamento da pedra fundamental da Alpa.

O anúncio de implantação do projeto Alpa injetou ânimo nos moradores locais. Diante da possibilidade de implantação da siderúrgica, empresários foram estimulados a investir em melhorias e novas construções de empreendimentos industriais, comerciais e de prestação



de serviços em geral. Condomínios horizontais, que até então não eram comuns em Marabá, começaram a ser erguidos. Foram muitos investimentos e muitas expectativas. Hoje, o que se vê é apenas lamentação e forte frustração, haja vista que os recursos foram investidos, mas o retorno não veio.

A Vale chegou a capacitar moradores de Marabá para trabalhar na implantação da Alpa, por meio de inscrição e seleção de pessoas em parceria com o SINE local. Em outubro de 2010, ao abrir as inscrições para cursos que atenderiam inclusive o setor de serviços, como garçons, camareiras, auxiliares administrativos, cerca de sete mil pessoas atenderam ao chamado da empresa e fizeram inscrição. Os cursos aconteceram, mas o projeto não avançou.

A obra de derrocagem, naquele momento incluída no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) chegou a ser licitada. O governo federal deu início ao processo de licenciamento da obra, mas a mesma foi impedida depois que o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), responsável pelo derrocamento do Pedral do Lourenço, contestou e pediu a anulação da licença prévia expedida pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), julgando que a mesma não teria competência para tal.

O fato de não investir R\$ 577 milhões na derrocagem do pedral anula o empreendimento da Alpa, já que a siderúrgica teria como alternativa logística para o escoamento da produção o eixo hidroviário, bem mais barato e menos poluente que o modal rodoviário. De acordo com avaliação do Dnit, um comboio em meio hidroviário consome quase nove vezes menos combustível que nas rodovias. Enquanto que com um litro de combustível uma carreta consegue transportar por 25 km uma carga de 1 tonelada, o comboio hidroviário leva a mesma carga numa extensão de 218 km e é capaz de substituir até 708 carretas, evidenciando a eficiência e agilidade que os rios paraenses proporcionam para o escoamento da produção local.

Além de anular o investimento da Vale, não dar navegabilidade ao rio Tocantins nos 12 meses do ano, afasta o investidor do Pará, que deixa de encontrar aqui ambiente propício para a geração de novos negócios. Vamos tirar essa pedra do nosso caminho. O Pará tem um potencial fantástico e vantagens comparativas que nenhuma região apresenta. O que nos falta são ações mais agressivas e condizentes ao atual espírito competitivo do mercado nacional e internacional. ➔

RADAR DA INDÚSTRIA

DIRETORIA ENTREGA OBRAS NA UNIDADE DE CASTANHAL

O trabalhador da indústria de Castanhal conta agora com uma unidade do Sistema Fiepa mais moderna e pronta para atender da melhor forma aos anseios do setor produtivo local. Inaugurada no final de janeiro, a obra de revitalização investiu recursos na ordem de R\$ 6,5 milhões, sendo 83% desse total aplicados pelo Sesi e o restante, pouco mais de R\$ 1 milhão, pelo Senai. Os investimentos viabilizaram a construção da Praça da Indústria, que possui um monumento doado pela Oyamota e localizado na fachada da unidade. O local está equipado com aparelhos de academia ao ar livre; de uma moderna quadra poliesportiva coberta; da Unidade Sesi Indústria do Conhecimento, espaço voltado para a leitura e estudos dos trabalhadores da indústria e seus dependentes, além da ampliação do laboratório de solda do Senai.

A obra de revitalização ainda levou em consideração o espaço de lazer do trabalhador, reformando a piscina e construindo mais oito malocas com churrasqueiras. A unidade ganhou ainda um local para o almoxarifado e todos os blocos administrativos, as salas de aula do Sesi passaram por melhorias e ajustes de modo a adequar sua estrutura física para atender a demanda do pujante setor produtivo da região do Guamá, que além de Castanhal envolve outros 17 municípios.



Fotos: Lorena Nobre Dourado e Valéria Barros

TRIBO DIGITAL

Cerca de sessenta índios da tribo Tembê, da Aldeia Pinoá – localizada no alto rio Guamá, a 250 quilômetros da capital paraense – vão receber treinamento profissional do Senai-Pa na área de computação. A ação foi uma demanda direta dos indígenas que enxergam na qualificação do Senai uma oportunidade para complementar os estudos do ensino superior. Os Tembês sentem dificuldades de entregar os trabalhos universitários por não saberem usar adequadamente o computador. Para ajudá-los, em março a unidade móvel de informática do Senai pegou a estrada com destino à aldeia para repassar ensinamentos básicos neste tema, focando em programas como Microsoft Word, PowerPoint, Excel e navegação na internet. A qualificação faz parte do Programa Senai de Ações Inclusivas (PSAI) e garante a formação gratuita no curso de Informática Básica.

EM PROL DA AMAZÔNIA

José Conrado Santos, além de líder dos industriais paraenses, assumiu a coordenação da Ação Pró-Amazônia, organização da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e que congrega todas as federações da região amazônica. Conrado, empossado no final de 2012, direcionará esforços para que as obras indicadas no Projeto Norte Competitivo possam sair do papel e, assim, reduzir o custo logístico da região. Atualmente na casa dos R\$ 17 milhões, se as condições de transporte permanecerem as mesmas, em 2020 este custo aumentará em 94%, interferindo negativamente na competitividade regional e inviabilizando a indústria local. O novo coordenador se mantém à frente do grupo dos industriais amazônicos durante o biênio 2013-2014.



ENGAJAMENTO POR MELHORIAS

Otimizar custos de produção envolvendo o uso mais eficiente dos insumos e recursos. Esse é o principal objetivo do projeto MAIS desenvolvido pela Hydro, empresa que atua no mercado do alumínio. Criado para fazer frente às atuais dificuldades de mercado devido a crises internacionais, ele tem como meta reduzir o valor da produção de alumina em 10 dólares por tonelada ao longo de 3 anos. MAIS, além de significar “mais com menos”, é uma sigla composta de palavras-chaves que incentivam o desenvolvimento de processos: Melhorar, Aprender, Inovar e Superar. Na Hydro Alunorte, unidade da grupo norueguês em Barcarena (PA) e maior refinaria de alumina do mundo, o projeto foi inaugurado em 2012 e conta com um Programa de Sugestões que tem mobilizado trabalhadores a sugerir mudanças nos procedimentos da empresa.

Como funciona o Projeto MAIS na Hydro Alunorte?

O MAIS é coordenado por uma equipe dedicada à criação de estratégias, provocação aos donos dos custos, organização das ações e monitoramento das metas e prazos. Para iniciar o programa com resultados rápidos e estimulantes aos empregados, procurou-se identificar pontos de bons potenciais já conhecidos e que estavam à espera de ações de otimização. Esses, até o momento, são os que deverão trazer em torno de 80% dos ganhos. Outro enfoque é o de provocação para as gerências, quando análises críticas são demonstradas e repassadas para que ações de melhorias sejam implementadas por eles e suas equipes. Por fim, era essencial um programa de sugestões, com participação ampla de todos os empregados.

Quais os resultados obtidos através do Programa de Sugestões?

O programa ainda está no início, mas algumas sugestões apontam para bons resultados em médio prazo. Num programa como esse o maior desafio é fazer com que as pessoas reflitam e analisem criticamente seu trabalho no dia a dia e isso leva um certo tempo, difícil de precisar. Esperamos que tenhamos grandes ideias implementadas em um ano. Já temos uma ideia interessante e que só poderá ser divulgada após ser profundamente analisada por ser bastante inovadora.

Já houve mudança nos índices produtivos da empresa em 2012?

Sim, já temos alguns bons resultados nesses primeiros seis meses do programa. A estabilização de algumas linhas de produção através do aumento de produtividade e disponibilidade, o aumento de eficiência em serviços e melhorias em consumo específico de alguns insumos são alguns dos resultados alcançados.

Quais ações estão previstas para 2013?

O ano de 2012 foi de aprendizado e disseminação do programa. Este ano nos reserva a etapa mais importante, quando imprimiremos maior velocidade e retornos decisivos, com crescente participação dos empregados. Deverá ser emocionante e compensador para todos.

ALCOA E SENAI CAPACITAM TÉCNICOS NO OESTE DO PARÁ

A Alcoa Mina de Bauxita de Juruti, unidade da companhia no oeste paraense, deu início a mais uma etapa do curso técnico de Mineração, que se estenderá até o primeiro semestre de 2014. Desenvolvido em conjunto com o Senai, o curso é pioneiro na região e foi criado para atender com eficiência as demandas cada vez mais exigentes do mercado neste setor, valorizando ainda a mão de obra local. A iniciativa reforça o compromisso da Alcoa de potencializar os investimentos na região, assumido junto à população de Juruti e das cidades do entorno, quando a mineradora foi instalada no município.

Com duas turmas em andamento, uma no turno da manhã e outra à noite, as aulas abrangem atividades teóricas e práticas. Além de funcionários da empresa, em busca de ampliação do conhecimento e aperfeiçoamento do trabalho, as turmas também são formadas por alunos da cidade de Juruti, que apostam na capacitação como um diferencial no mercado. Para garantir a excelência na formação, os alunos contam ainda com dois laboratórios equipados com tecnologia de ponta e com o acompanhamento contínuo de profissionais da área. Nesta nova fase do curso, que tem duração completa de dois anos, os futuros técnicos terão a chance de vivenciar de forma mais ativa a rotina dentro da própria Mina, por meio de visitas monitoradas e experiências de estágio, nas quais poderão também fazer parte de todas as etapas do trabalho de extração de bauxita.

“A Alcoa, junto com o Senai, tem apostado cada vez mais na qualidade dos cursos profissionalizantes e na estrutura



Divulgação Alcoa



Trabalhadores da Alcoa e moradores de Juruti são alunos do curso técnico de Mineração, que tem aulas teóricas e práticas

tecnológica e de laboratórios para aprimorar as atividades. Para nós é um orgulho oferecer cursos certificados aqui na região e devolver para o mercado profissionais de alto nível, preparados para atender com eficiência às demandas e exigências do mercado, cada vez mais competitivo”, afirma Célia Oliveira, consultora em educação da Alcoa.

ECONOMIA PARAENSE REDUZIU EM 2012

A Balança Comercial do Estado do Pará fechou o ano passado com resultados nada favoráveis à indústria local. Em 2012 foi registrada uma redução de 19% nas exportações. Enquanto que em 2011 as comercializações paraenses ao mercado internacional batiam a casa dos US\$ 18.336 bilhões, no ano passado o acumulado das exportações caiu para US\$ 14.795 bilhões. Este resultado se deu, principalmente, por conta da redução da venda do minério de ferro. Todos os maiores parceiros comerciais do Pará, inclusive a gigante China, consumiram menos no ano de 2012, ainda em consequência da crise que se abateu no mercado europeu. Poucos foram os itens da pauta de exportação que tiveram resultado positivo no último ano. O que se saiu melhor em 2012 foi a castanha-do-pará, que registrou um crescimento de 300%.

PRODUTO	2011	2012	VARIAÇÃO
Minério de Ferro	US\$ 11.770 bilhões	US\$ 8.797 bilhões	-25%
Madeira	US\$ 397 milhões	US\$ 316 milhões	-20%
Sucos de Frutas	US\$ 24.125 milhões	US\$ 20.518 milhões	-15%
Castanha-do-pará	US\$ 3.845 milhões	US\$ 15.387 milhões	300%
Soja	US\$ 117.568 milhões	US\$ 183.892 milhões	56%

PRÉ-VESTIBULAR DO SESI ABRE AS PORTAS DO ENSINO SUPERIOR

O sonho de se formar no ensino superior agora está mais perto para os trabalhadores da indústria e seus dependentes devido ao curso Pré-Vestibular do Sesi. É a oportunidade que faltavam para as famílias crescerem profissionalmente, aumentarem seu orçamento e consequentemente sua qualidade de vida. Claudivan Rodrigues de Almeida foi um dos trabalhadores que ingressou no ensino superior por meio da 2ª edição do projeto, realizada ao longo de 2012. O operador de produção na Esplanada Indústria irá iniciar este ano o curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal do Pará (UFPA).

A iniciativa, realizada em Belém, busca incentivar os industriais e dependentes que concluíram o ensino médio, mas por algum motivo não puderam se preparar para ingressar em uma universidade. Em 2013, a 3ª edição do Pré-Vestibular ofertará 50 vagas, com inscrições em fevereiro. O curso é gratuito e tem duração de nove meses, com início em março e término em dezembro. A metodologia e os professores são do Sistema de Ensino Ideal, instituição parceira do projeto. As aulas acontecem na unidade do Sesi Almirante Barroso, de segunda-feira a sexta-feira, das 18h30 às 22h.

UM ANO DE CASA IMERYS

A Casa Imerys completou um ano de atuação em Vila do Conde no dia 31 de janeiro. O projeto social da Imerys, idealizado para reunir todas as iniciativas sociais da mineradora em Barcarena, retomou as atividades em 2013 com muitas novidades, dentre elas a Maloca, o novo anexo construído para realizar atividades recreativas e com isso aumentar o número de pessoas atendidas a cada bimestre. A Casa também passou por manutenção e foi toda climatizada. Tudo para atender cada vez melhor a população de Barcarena. Além das atividades fixas oferecidas pelo projeto, as ações de cidadania continuam no calendário deste ano, com dias especiais para vacinação e emissão de documentos.



Divulgação Imerys



Tecnologia de ponta no coração da floresta amazônica. O Elizonei Sousa da Silva ajuda a tornar isso realidade.

Elizonei Sousa da Silva, nascido na Comunidade Jauri, no município de Juruti, amostrista da Alcoa.



ALCOA

Avançando cada geração

R\$ 700 MILHÕES EM NOVOS INVESTIMENTOS

Há pouco mais de três meses frente à diretoria da concessionária de energia elétrica do Pará, a Celpa, Nonato Castro, anuncia nesta entrevista à **Pará Industrial**, a mudança de marca em comemoração aos 50 anos, os atuais desafios e metas para recuperar a empresa, as ações de amparo ao desenvolvimento industrial paraense e aquilo que se impõe como o maior “calo” da concessionária, o furto de energia. Em 2012, segundo levantamento, a Celpa acumulou 58,3% em perdas ou desvio de energia, recorde histórico em todo o Brasil, além de um prejuízo, de janeiro a setembro de 2012, de aproximadamente R\$ 434 milhões.

Recentemente a Celpa completou 50 anos e lançou uma nova marca. O que os consumidores podem esperar desta nova Celpa?

Melhorar a qualidade do serviço e atuar mais diretamente no desenvolvimento do Pará. Estas são nossas duas prioridades, mas sabemos que é preciso de muito trabalho para alcançar estes objetivos. Com relação à qualidade, por exemplo, estamos em último lugar no ranking de avaliação das concessionárias. Somos os piores em atendimento, nos indicadores comerciais e técnicos. Hoje, a pior empresa do Brasil é a Celpa e isso precisa mudar. Esta é a nossa meta, mas temos pleno conhecimento de que não vai acontecer da noite para o dia. Não existe milagre. Sabemos que vamos começar a melhorar no próximo ano.

Os dados da última pesquisa da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee) apontam uma série de problemas junto aos indicadores de gestão e qualidade da Celpa. O ano de 2013 será para arrumar a casa?

A atual diretoria está à frente da empresa desde o dia 1º de novembro de 2012. Passamos quase três meses revendo contratos, reestruturando a área interna, além de fazer adequações em várias áreas (pessoal, contrato, suprimentos e manutenção), reestruturando e capacitando o pessoal interno. Estas ações estão todas direcionadas para melhorar a qualidade do nosso serviço. Ou seja, este ano será para arrumar a casa. Já temos diagnósticos do sistema elétrico e da área comercial e, com base nos dados levantados, vamos atuar de maneira pontual para alavancar a qualidade do nosso atendimento.



“NÃO IREMOS ACEITAR CONTRATOS DO TIPO QUE SÓ O FORNECEDOR SAI GANHANDO, AINDA MAIS NESTA ATUAL SITUAÇÃO DA EMPRESA. A CELPA QUEBROU. ESTAMOS TENTANDO REERGUÊ-LA E A QUESTÃO DE CONTRATOS É UMA DAS AÇÕES PARA MELHORAR A SAÚDE FINANCEIRA DA EMPRESA.”

Além dos problemas de gestão, existem empecilhos característicos do estado que contribuíram para que a Celpe chegasse a esta condição, apresentando os piores indicativos do Brasil?

Existem dificuldades geográficas e de infraestrutura que atrapalham o nosso trabalho, isso é real, no entanto, não justificam os atuais indicadores da empresa. Será difícil se aproximar da Coelce (Companhia Energética do Ceará), a mais bem avaliada concessionária pela Abradee. Será uma missão difícil dada à infraestrutura e as condições logísticas que temos aqui no estado, porém nossa meta ainda é bastante audaciosa e conseguiremos alcançá-la, tenho certeza disso. Sabe-se que o órgão regulador, no caso, a Aneel tem tratamento diferenciado, pois entende as dificuldades e peculiaridades de cada região do Brasil. Aqui, por exemplo, temos problemas com a pavimentação de estradas, realidade próxima a do Maranhão, onde também atuamos e temos o conhecimento que somente 13% das estradas são pavimentadas. Somado a isto, aqui ainda temos que considerar as áreas de floresta. Nas regiões onde passam as linhas de transmissão, o ideal seria fazer uma limpeza de 60 metros, porém os órgãos de meio ambiente não permitem que a limpeza nessas áreas seja feita. Logo, nossa linha fica mais vulnerável a chuvas fortes e ventanias. Quando cai uma árvore numa área dessas, levamos de três a quatro dias para religar o sistema. Ademais, uma árvore de 30 a 40 metros não destrói apenas o cabo de transmissão, ela derruba postes e danifica grandes extensões de rede. Para recuperar tudo isso, perdemos muito tempo. As distâncias são grandes e as condições logísticas são precárias. Por tudo isso, temos um tratamento diferenciado. Mas, novamente, eu friso que isto não será mais justificativa para que continuemos como a pior concessionária em todo o Brasil. ➡

Outro grande problema enfrentado pela Celpa se refere aos furtos de energia. A concessionária intensificará as ações de fiscalização e controle?

Serão investidos somente neste ano R\$ 80 milhões para as ações de fiscalização e controle do furto de energia. Fechamos o ano de 2012 com um triste recorde histórico em todo o Brasil. O desvio, levando em consideração apenas os consumidores, sem contarmos com as perdas naturais do sistema elétrico, foi de 58,3%. E, infelizmente, nossos relatórios apontam uma ascensão desse triste índice. Em 2011, já havia sido verificado que 51% da energia consumida eram desviadas, algo bastante alarmante. No último ano esta situação só piorou. As pessoas precisam entender que a empresa não pode ficar com esse prejuízo. Estamos pagando a Eletro-norte pela energia, porém 58,3% daquilo que foi consumido não entraram no caixa da empresa em 2012. Precisamos e vamos atuar fortemente para reduzir drasticamente o nosso índice de perdas, pois aí é que está a saúde financeira da Celpa. Já temos um diagnóstico pronto e estamos com um Plano de Perdas e Cobranças todo estruturado com as ações que serão postas em prática já neste ano.

Por que é tão difícil conter o furto de energia e as ligações clandestinas, popularmente conhecidas como “gatos”?

É difícil, pois o desvio de energia é um problema generalizado aqui no Pará. Engana-se quem acredita que o desvio é apenas o “gato” lá da favela. Nossas perdas não estão apenas nessas áreas. Verificamos desvios também nos condomínios de luxo e em empresas de pequeno, médio e grande porte. A Celpa já lançou mão de um sistema, conhecido como Balanço Energético, o qual nos possibilita identificar os locais onde as perdas são mais intensas. Em paralelo a isso, estamos apertando o cerco tanto externa quanto internamente. Aqui mesmo, dentro da empresa, verificamos casos de funcionários que facilitavam ações de desvio. Eles possibilitavam que devedores da Celpa mudassem a titularidade do imóvel como manobra para fugir da dívida. Isto também é um caso de desvio. Outro agravante é que 350 mil consumidores da Celpa estão sendo faturados pelo mínimo da fase, afetando a arrecadação da empresa.

Mesmo sabendo que grande parte desses consumidores não deveria ser cobrada pelo mínimo, por que a Celpa não atualiza o sistema? Quais os impedimentos?

Existem casos de lentes sujas nos medidores, pichadas, medidores com a porta quebrada, e tudo isso impede que a concessionária possa fazer uma leitura real. Além disso, existem casos de condomínios novos que impedem a entrada dos nossos funcionários para instalar os medidores. Todas essas situações já foram levantadas por nós e estão inseridas no Plano de Perdas e Cobranças. Não seremos coniventes com estas ações que contribuíram para que a Celpa chegasse a esta situação de crise. A empresa quebrou.

A atual diretoria da Celpa pensa em reverter esta situação de crise apenas intensificando ações de fiscalização?

Em paralelo as ações de fiscalização, já estamos dando andamento ao nosso Plano de Recuperação, que nos próximos dois anos, investirá R\$ 700 milhões aqui no Pará. Em dezembro do ano passado já entraram

SERÃO INVESTIDOS, SOMENTE NESTE ANO, R\$ 80 MILHÕES PARA AS AÇÕES DE FISCALIZAÇÃO E CONTROLE DO FURTO DE ENERGIA. FECHAMOS O ANO DE 2012 COM UM TRISTE RECORDE HISTÓRICO EM TODO O BRASIL.”





R\$ 350 milhões e, até novembro deste ano, entra a segunda parte. Mas não adianta aportar recursos se não estancarmos a sangria intensificada pelas perdas e desvios, por isso que o nosso principal objetivo é reduzir as perdas, melhorar a qualidade e adequar o quadro de pessoal. A empresa só conseguirá dar conta da atual demanda reprimida, atendendo ao crescimento do Pará, quando melhorar a qualidade de seus indicadores. Tem que rever tudo. É preciso cobrar os devedores, por exemplo. Eles representam mais de 300 milhões.

Os investimentos também visam reduzir a frequência de desligamentos e interrupções na transmissão de energia?

Em nossas reuniões mensais de avaliação verificamos que a frequência das interrupções diminuiu, melhorando em parte este indicador, mas para contribuir mais fortemente, estamos comprando uma SE Móvel, subestação que fica em cima de um caminhão e que evita desligamentos prolongados, algo que era muito comum por aqui. Já encomendamos uma SE e estamos dimensionando o investimento de mais outra. A ideia é que as duas atendam diferentes regiões do estado, ficando possivelmente na região metropolitana e na região oeste paraense. Em paralelo a este investimento estamos incentivando que todas as áreas da empresa estruturarem um Plano de Manutenção bem feito. É nosso interesse que não falte energia. Este é o nosso produto. Dependemos da venda dele para poder arrecadar os recursos financeiros que nos darão vigor para recuperar a empresa.

A Celpa já chegou a ser reconhecida pela Rede de Desenvolvimento de Fornecedores do Pará (Redes), programa da FIEPA, como a empresa que mais comprava dos fornecedores locais. Para as ações previstas no Plano de Recuperação, a empresa visa priorizar as empresas daqui do Pará?

Agiremos sem nenhum preconceito. O que vai ser levado em consideração é a tríade: qualidade do produto, prazo de entrega e preço. Se o fornecedor atender a essas nossas necessidades, ele será nosso fornecedor. Já começamos a comprar aqui do Pará. Cabos, que é um material que compramos em grande volume, estão sendo negociados aqui mesmo. Se os fornecedores paraenses de equipamentos e serviços também atenderem a tríade, vamos contratá-los. O que todos precisam entender é que tem que ser um contrato do tipo “ganha-ganha”. Não iremos aceitar contratos do tipo que só o fornecedor sai ganhando, ainda mais nesta atual situação da empresa. A Celpa quebrou. Estamos tentando reerguê-la e a questão de contratos é uma das ações para melhorar a saúde financeira da empresa.

Por que no mês de agosto os clientes, em especial os consumidores industriais, tiveram um aumento tão elevado na tarifa?

O aumento foi homologado em agosto e começou a ser cobrado já em setembro de 2012. Não somos nós quem define. Quem tem essa atribuição é o órgão regulador, a Aneel. No ano passado o reajuste foi mais alto do que o verificado nos anos anteriores, pois em 2011 a Aneel não havia permitido que a concessionária reajustasse o valor, dessa forma o consumidor sentiu um acúmulo na conta de energia.

E como ficam as tarifas com a redução decretada pelo Governo Federal?

A redução, determinada pelo governo, entrou em vigor no final de janeiro e, desde então, o cliente começou a obter o desconto proporcional. O efeito integral começou a ser percebido após um ciclo completo de faturamento com as novas tarifas, o que está acontecendo com as faturas com vencimento a partir de março. ➡

Salto de produção *versus* déficit logístico

COM GRANDE POTENCIAL EM QUALIDADE E VARIEDADE DE ESPÉCIES, INDÚSTRIA PARAENSE DA PESCA AINDA PRECISA DE INVESTIMENTOS PARA LIDERAR RANKING BRASILEIRO

Com uma variação positiva de 43,2%, o setor pesqueiro paraense avançou na produção e na exportação no ano de 2012. A informação é do Centro Internacional de Negócios (CIN), da Federação das Indústrias do Estado do Pará (Fiepa), por meio da Balança Comercial Paraense, que foi divulgada no final do mês de janeiro. Em 2011, o Pará exportou cerca de 25,6 milhões de dólares, enquanto que em 2012 pulou para 36,7 milhões de dólares. A exportação de peixes foi a segunda maior entre os produtos tradicionais, perdendo apenas para a castanha-do-pará, que avançou 300%.

Além do avanço na produção e na exportação, o aumento no tama-

nho dos peixes é outro ganho comemorado pelo Sindicato das Indústrias de Pesca e das Empresas Armadoras e Produtoras, Proprietárias de Embarcações de Pesca Industrial do Pará (Sinpesca). Esse aumento resulta no cumprimento da legislação vigente quanto ao período de defeso das espécies, permitindo que esses organismos se reproduzam e atinjam o tamanho ideal para a captura. A fauna acompanhante das pescarias, ou seja, a captura de espécies que não são do interesse imediato do pescador, também tem incrementado a produção a partir do momento em que é aproveitada. O gerenciamento do setor pesqueiro hoje também direcionou um

olhar mais atento a isso.

De acordo com o presidente do sindicato, Armando Burle, a atividade pesqueira paraense está em crescimento, com fortes indícios da recuperação dos estoques pesqueiros, porém necessitando de melhorias para poder consolidar sua real potencialidade como atividade econômica. Os principais entraves são uma frota antiga, que necessita ser renovada e modernizada. “Isso possibilitaria que a nossa produção melhorasse ainda mais. Também necessitamos de mão de obra qualificada, pois não adianta uma frota com tecnologia avançada se não tivermos gente qualificada disponível para trabalhar”, analisa Burle.



📌 *A cadeia produtiva da aquicultura espera investimentos do governo do estado para criação de várias espécies e cultivo de plantas aquáticas*

De acordo com o Sinpesca, a frota pesqueira está muito defasada em comparação às frotas de países desenvolvidos produtores de pescado. São embarcações com cerca de 50 anos de construção. “Novas embarcações seriam mais eficientes, tanto no consumo de combustível quanto na seletividade das capturas”, reforça o presidente.

RIQUEZAS NA ÁGUA

Conforme a mais recente estatística de produção publicada pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), boletim do ano 2010, o estado do Pará continua sendo o 2º maior produtor de pescado no país. Santa Catarina figura como o maior produtor do Brasil, pois há anos vem investindo em infraestrutura, capacitação de pessoal e modernização da frota. “O Pará tem tudo para ser o principal produtor, considerando todo o potencial hídrico que o estado apresenta”, completa o presidente do Sinpesca.

O fato de Santa Catarina liderar hoje o ranking da produção de pescado é reflexo dessas melhorias no setor. Ao contrário do que muitos pensam, o fato da extensão costeira ser bem menor do que a paraense também contribui para este resultado, pois facilita o controle sobre a atividade.

Burle explica que a dificuldade paraense em crescer no ranking reside no fato que o pescado daqui, por ser de qualidade, atinge valores elevados em outros estados e isso gera uma pressão para exportação. Por outro lado, o Pará tem a segunda maior extensão de fronteiras do Brasil e o insuficiente quantitativo de fiscais aptos para realizar as atividades necessárias ao controle da exportação de pescado.

O Pará apresenta os mais valorizados produtos para a exportação, como é o caso da lagosta, o pargo, o camarão-rosa, a pescada-amarela, abas de tubarões, entre outras espécies consideradas de primeira linha



Valéria Barros

Para Armando Burle, o potencial da pesca paraense necessita de investimentos para se consolidar

43,2%

CRESCIMENTO DO SETOR PESQUEIRO DO PARÁ EM 2012

para outras regiões do país, como a cavala, a serra e os camurins. “A presença desses recursos configura-se como um ponto extremamente positivo para o nosso cenário. Apesar de não ser o único a exportar, por exemplo, o camarão-rosa e a lagosta, o Pará apresenta imenso potencial, certamente estando em vantagem em relação à maioria dos estados do Brasil”, analisa.

Um passo importante no setor no Pará já foi dado com a criação da Secretaria de Estado de Pesca e Aquicultura (Sepaq), que tem como missão fazer com que o estado saia da condição de “excelente” potencial aquícola/pesqueiro para se transformar, de fato, em um grande produtor de pescado. Para isso, a Sepaq deve fortalecer a cadeia produtiva da aquicultura (criação de peixes, moluscos, crustáceos, anfíbios e cultivo de plantas aquáticas).

A secretaria também deve fomentar a produção, dando suporte aos

produtores na elaboração de projetos sustentáveis de pesca e aquicultura. “A atividade da Sepaq como interveniente junto aos órgãos ambientais no estado é fundamental para o crescimento da aquicultura. Para a pesca, a Sepaq poderia investir na adaptação e demonstração de novas tecnologias de captura, mais seletivas, que reduziriam a pressão sobre os estoques tradicionalmente explorados”, diz Burle.

Conforme estudos realizados em 2009, a piramutaba ainda continua ocupando um lugar de destaque na pesca paraense. Esta espécie é o segundo produto mais frequentemente comercializado no mercado estadual e em nível nacional ocupa o primeiro lugar na pauta de comercialização. Em relação ao mercado internacional, a piramutaba hoje enfrenta a concorrência asiática, cujos produtores oferecem uma espécie de bagre com produção de baixo custo. O aspecto sanitário, porém, deixa a desejar, pois é um produto com inserção de hormônios.

Além disso, uma barreira alfandegária com os Estados Unidos, que é o maior comprador em potencial, proíbe a importação do peixe denominado “catfish”, termo dado à piramutaba na exportação. Isso direcionou o consumo americano para o fillet do rio Mississipi na sua forma padronizada e industrializada. Dessa forma, o mercado hoje é direcionado ao consumo doméstico. ❏

O PODER DA INDÚSTRIA DO COURO

MOVIMENTAÇÃO ECONÔMICA, DESENVOLVIMENTO SOCIAL E GERAÇÃO DE EMPREGO ESTÃO ENTRE OS PRINCIPAIS BENEFÍCIOS QUE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO COURO PODE TRAZER AO ESTADO. PLANOS DE CONSTRUIR UM POLO INDUSTRIAL CAPAZ DE FINALIZAR A PRODUÇÃO DE COURO INICIADA AQUI ESTÃO ENTRE AS PRIORIDADES ESTABELECIDAS PELA SEICOM.



Sabe-se que o Pará tem potencial para diversas atividades econômicas. Uma delas é a pecuária, que já atribuiu ao estado a quinta posição no ranking dos produtores brasileiros, por possuir aproximadamente 19 milhões de cabeças bovinas e bubalinas, de acordo com o último levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Atualmente, o abate anual do estado está em torno de 2,2 milhões de cabeças, um número considerado baixo se levarmos em consideração que o Pará tem recursos para uma produção maior. De acordo com o presidente da União das Indústrias e Empresas da Carne (Uniec), Francisco Victer, o estado tem 24 milhões de hectares (ha) dedicadas exclusivamente à pastagem, porém um único boi ocupa uma área de 0,8 ha (o equivalente a dois campos de futebol), fato que permite afirmar que as áreas destinadas à pecuária estão sendo utilizadas de maneira incorreta. Além disso, há ainda problemas com pequenos produtores e matadouros ilegais, que em alguns casos, servem de empecilho para o aproveitamento de uma matéria-prima de grande importância econômica: o couro.

A saída do boi vivo é o grande problema da indústria da carne, segundo Victer, pois ao sair do estado o boi leva consigo não apenas a carne, mas também couro de origem paraense. “Isso prejudica a economia, já que o boi deixa de gerar riquezas aqui e acaba transferindo todo o seu valor para o local em que vai ser abatido”, ressalta. Há ainda o problema com os matadouros ilegais, que impedem que o

couro natural seja beneficiado pelas indústrias do estado.

A fabricação do couro é uma atividade que ainda não alcançou a sua devida importância no Pará. Há uma série de fatores que atrapalham o seu desenvolvimento, sendo a principal delas a ausência de um polo de produção capaz de transformar o couro natural em um couro que possa ser utilizado na fabricação de artigos como estofados, calçados, bolsas e cintos.

Segundo Victer, há curtumes implantados em vários municípios paraenses, a exemplo de Xinguara, Conceição do Araguaia e Marabá, que apenas trabalham as fases iniciais do processamento de couro, denominadas de *wet-blue*. Elas consistem na adição de sal ao couro natural e na remoção de pelos e gorduras, por meio de um banho químico com tom azulado. Após este processo, o couro natural é encaminhado a vários polos do Brasil para que sejam feitas as etapas de acabamento da matéria-prima que irá atender à indústria de bens de consumo. “A matéria pode até ser daqui, mas o processo não é feito aqui. Ou seja, o valor é agregado em qualquer lugar do país”, explica.

POLO INDUSTRIAL COMO SOLUÇÃO

Para resolver esta problemática, a Uniec vem discutindo com a Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração (Seicom), a possibilidade de implantar um polo para finalizar a produção de couro no estado. A ideia é evitar

que a matéria-prima gere riqueza em outros locais do Brasil. “O problema não é a oferta de couro natural, pois isso nós temos, e sim a forma como este processo é conduzido, já que o couro sai do estado com um valor e retorna com outro muito maior”, explica Victer.

Esta discussão com o governo acontece com frequência. Segundo o diretor de Desenvolvimento de Indústria, Rodrigo Garcia, este é um setor de grandes expectativas para a economia paraense, que requer um alinhamento com as demais cadeias envolvidas na produção, dentre elas o produtor, a indústria e o estado. “A Seicom está articulando com outras secretarias e órgãos do Governo a criação deste polo no estado. É importante termos uma indústria, porém não podemos desconsiderar fatores relevantes que residem no início da cadeia produtiva”, detalha Garcia.

Segundo Victer, as negociações estão caminhando de forma positiva e é possível notar o interesse do governo em trazer esta produção para o Pará. “A aplicação desta indústria não é imediata, é algo que deve ser feito tanto pelo setor privado quanto pelo Estado”, ressalta o presidente da Uniec.

O processo de industrialização deste polo será focado na execução das três fases finais de beneficiamento, realizadas a partir do estágio *wet-blue*: o acabamento do couro, o corte e a secagem controlada. Para que esta produção seja concluída no Pará, há uma série de condicionantes que devem ser implantadas ou melhoradas, como é o caso da qualificação da mão de obra paraense e da infraestrutura do estado. ➔



Francisco Victer defende a finalização do couro dentro do Pará, agregando valor ao produto e indústrias locais

Fotos: Bruno Carachesti

MÃO DE OBRA AINDA NÃO É SUFICIENTE

Victer aponta como um dos problemas a necessidade de conscientizar alguns produtores sobre os cuidados com o boi, já que a produção da matéria-prima começa com a criação do animal. “Precisamos de mão de obra capaz de cuidar bem do animal para não machucar o couro, o que pode acontecer até mesmo quando se vacina o boi contra a febre aftosa. Se não for vacinado na forma correta, o animal pode ficar com marcas”, explica.

Além do cuidado durante a criação, a produção do couro em si requer profissionais capacitados e competentes, com vasta experiência neste tipo de atividade, já que após o processo o material será diretamente destinado às fábricas que tem o couro como principal maté-

ria-prima. Segundo o presidente da Uniec, a mão de obra paraense existe, mas não pode ser empregada em todos os seguimentos da produção. “Grandes projetos precisam de qualificação e com a produção do couro não é diferente. É preciso ter mão de obra capacitada para garantir a qualidade do produto final, feito a partir do couro, o que é uma exigência do próprio cliente”, completa.

Sanar esta dificuldade não deixa de ser um desafio tanto para a indústria quanto para o Estado. A tendência é que aos poucos a mão de obra seja qualificada por meio de cursos profissionalizantes oferecidos tanto pelo Estado quanto pelo Governo Federal. “Infelizmente, logo no início da produção os trabalhos complexos e especializados serão feitos por mão de obra importada. A indústria vai oferecer cursos, mas isso é feito quando há um interesse por um tipo específico de profissional”, explica Victer.

INFRAESTRUTURA PODE SER INIMIGA DA PRODUÇÃO

Apontada como algo que pode prejudicar a produção, a pouca infraestrutura paraense é algo que interfere na competitividade do couro, já que quanto mais custos o produtor tiver, mais caro será o seu produto. A real preocupação da Uniec é oferecer condições para que a produção deste material seja vista como incentivo pelas demais empresas do setor.

“O difícil acesso a três pontos considerados essenciais para os negócios (comunicação, transporte e energia) pode comprometer o custo do produto e atrasar o processo de produção”, ressalta Victer. Por conta desses desencontros, o couro paraense pode ficar com preço igual ou superior ao de outros polos do Brasil.

**COURO
VERDE
SALGADO**



**COURO
WET-BLUE**



**COURO
SEMIACABADO**



**COURO
ACABADO**

18 mil m²

ESSA É A ÁREA OCUPADA NA CRIAÇÃO DE UM ÚNICO BOI NO PARÁ, O EQUIVALENTE A DOIS CAMPOS DE FUTEBOL. O DADO MOSTRA QUE AS ÁREAS DESTINADAS À PECUÁRIA ESTÃO SENDO USADAS INCORRETAMENTE. OUTROS FATORES COMO O ABATE CLANDESTINO TAMBÉM IMPEDEM O APROVEITAMENTO DO COURO.

As restrições ambientais também não são vistas com bons olhos pela indústria. De acordo com Victor, em comparação com outros estados, as leis ambientais são aplicadas com maior rigor no Pará. “Aqui, o produtor tem que manter 80% do seu território como reserva ambiental e pode utilizar 20% para a produção. Em outros estados isso não acontece com frequência, como é o caso de Tocantins, a área preservada é somente 30% da propriedade”, explica. ➔

49

SEGMENTOS INDUSTRIAIS DEPENDEM DO BOI PARA FUNCIONAR. ENTRE OS MAIS INUSITADOS PRODUTOS FABRICADOS COM AS PARTES DO ANIMAL ESTÃO FÓSFOROS, FILTROS DE AR, PNEUS E COSMÉTICOS.

MANUFATURADOS



CALÇADOS



VESTUÁRIO



**ESTOFAMENTO
AUTOMOTIVO**



**ESTOFAMENTO
MOBILIÁRIO**



📍 Izael Campos é um dos empreendedores que acreditam que a criação do polo industrial do couro irá baratear custos e gerar empregos

UMA INDÚSTRIA COM GRANDES PERSPECTIVAS

A Uniec defende que a produção de couro no Pará vai significar um grande crescimento econômico e social para o estado, refletido na geração de emprego e renda, melhores condições de trafegabilidade, oferta de cursos profissionalizantes, entre outros benefícios. “O Pará tem tudo: área, clima, indústrias, mão de obra e produtores engajados. O que falta é apenas criar condições para que este processo seja finalizado aqui”, frisa.

Estima-se que a criação deste polo pode criar milhares de empregos de forma direta e indireta, pois a indústria precisará de trabalhadores locais para funcionar. Com a oferta de produto local, o capital de giro aumenta dentro do estado, o que possibilita a arrecadação de valores para aplicação interna.

A produção local do couro pode

ainda baratear o custo de indústrias paraenses que tem esse recurso como matéria-prima. Este é o caso da D’Leve Calçados, uma empresa paraense de sapatos que já existe há 10 anos. Izael Campos, um dos proprietários, conta que apenas o custo com o transporte de matéria-prima chega a comprometer aproximadamente a metade do valor estimado para a aquisição do material. “Gasto um pouco mais de 25 mil reais com couro produzido em Goiânia, sendo que mais de 10 mil reais são gastos apenas para trazer este produto para cá”, explica.

Diante da oferta local, Izael acredita que o valor destinado ao transporte da carga poderá ser revertido para o aumento da produção de calçados e consequentemente para a contratação de mais funcionários. “Com mais dinheiro para investir, com certeza vamos poder aumentar a produção e o nosso corpo de funcionários. Ou seja: todo mundo sai ganhando”, conclui. ➡

PORTAS ABERTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA

São vários os setores que podem ser beneficiados com a produção local do couro. A aposta maior é nas indústrias automobilísticas e de estofados. “Fornecimento para indústrias destes seguimentos é algo que multiplica a geração de emprego e renda. Onde esta produção se implanta tem o aumento desses dois fatores”, explica Francisco Victer. Estas chances de desenvolvimento que o couro pode trazer para o estado não são apenas hipotéticas. Cidades como Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e São Paulo são exemplos de locais beneficiados pelo desenvolvimento econômico e social que a cadeia do couro proporciona.

Atenção Industrial,

O Sistema FIEPA está atualizando
o cadastro industrial e
precisa de você!



Ao renovar o cadastro sua empresa:

- Receberá informações sobre produtos e serviços que o Sistema FIEPA - SESI - SENAI - IEL tem para oferecer.
- Estreitar relacionamento com fornecedores e consumidores.
- Terá ampla divulgação do seu negócio, pois o cadastro será disponibilizado para consulta on-line.



FICHA DE ATUALIZAÇÃO CADASTRAL

DADOS DA EMPRESA

Nome completo do representante legal da empresa:		
Cargo do representante legal da empresa:		
Razão Social da empresa:		
Nome Fantasia da empresa:		
Nº do CNAE (da atividade principal da empresa):		
Qual o produto da sua empresa (o que produz?):		
CNPJ nº:	Ins. Estadual nº:	
Endereço:		
Bairro:	CEP:	Cidade/Estado:
Telefone:	Fax:	
Site:	E-mail:	
Faixa de faturamento anual (R\$)		
<input type="checkbox"/> Até R\$ 50.000,00	<input type="checkbox"/> De R\$ 400.000,01 a R\$ 500.000,00	Porte da Empresa
<input type="checkbox"/> De R\$ 50.000,01 a R\$ 100.000,00	<input type="checkbox"/> De R\$ 500.000,01 a R\$ 1.000.000,00	<input type="checkbox"/> Micro
<input type="checkbox"/> De R\$ 100.000,01 a R\$ 200.000,00	<input type="checkbox"/> De R\$ 1.000.000,01 a R\$ 5.000.000,00	<input type="checkbox"/> Pequena
<input type="checkbox"/> De R\$ 200.000,01 a R\$ 300.000,00	<input type="checkbox"/> De R\$ 5.000.000,01 a R\$ 10.000.000,00	<input type="checkbox"/> Média
<input type="checkbox"/> De R\$ 300.000,01 a R\$ 400.000,00	<input type="checkbox"/> Acima de R\$ 10.000.000,01	<input type="checkbox"/> Grande
Exportador: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Importador: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
Quantidade de funcionários:		
Optante do simples: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		

Preencha a ficha de atualização cadastral acima, e envie via fax
(91 3259 1216) ou pelo e-mail: contato@simetria-cpp.com.br



A empresa de olho na empresa

A FORMAÇÃO DE AUDITORES INTERNOS EM VÁRIAS INDÚSTRIAS TEM SIDO CONSIDERADA UMA FORMA DE INVESTIR NAS PESSOAS E AGREGAR VALOR AOS PROCESSOS PRODUTIVOS POR MEIO DO CONHECIMENTO DOS PRÓPRIOS EMPREGADOS

Bárbara Brilhante



Na Hydro Alunorte, os auditores internos antecipam as exigências dos órgãos certificadores

Diferente das certificações obrigatórias e compulsórias exigidas para a comercialização de produtos como brinquedos, equipamentos elétricos e de proteção individual, dentre outros, as certificações voluntárias sinalizam quando uma empresa baseia seu processo produtivo em um sistema de gestão comprometido com a segurança, qualidade e com a preservação ambiental.

Este tipo de certificação, emi-

tida por órgão ou empresa credenciada, declara que determinado serviço, pessoa ou sistema está em conformidade com os requisitos técnicos especificados. Mais que isso, garante a qualidade do serviço e a credibilidade da empresa perante acionistas, fornecedores e investidores.

“Estas certificações são voluntárias, o que significa uma vantagem para as empresas que as mantêm, pois demonstra que elas são

comprometidas com os requisitos legais e estipulados pelas normas de operação”, detalha José Cunha, diretor da Área de Treinamento da Bureau Veritas, grupo internacional dedicado aos serviços de certificação e avaliação de conformidade nas áreas de Qualidade, Segurança e Saúde Ocupacional. No entanto, a manutenção das certificações só poderá ser recomendada mediante auditoria realizada, pelo menos uma ou duas vezes por

ano, para verificar a continuidade das condições que deram origem à certificação.

Neste processo, o auditor interno age como uma espécie de supervisor. Este profissional é capacitado para prover conhecimento sobre auditorias, orientar a empresa/empregados sobre comportamento adequado e relatar “não conformidades”, informando aos demais profissionais as falhas que não estiverem previstas e dando a oportunidade para que sejam regularizadas antes da emissão do relatório final.

“Profissionais treinados como auditores são fundamentais para que as empresas possam realizar suas auditorias internas, que são requisitos das normas de gestão como, por exemplo, a ISO 9001 ou a ISO 14001. Mas, além disso, esses profissionais podem contribuir com seus conhecimentos em técnicas de auditoria para aprimorar os processos das empresas, atuando como genuínos agentes de melhoria contínua”, complementa Cunha.

Por esse motivo muitas empresas hoje apostam no treinamento de auditores internos, que possam economizar tempo ao fazer uma auditoria bem planejada, possibilitando resolver desvios e questões relevantes.

A refinaria de alumina Hydro Alunorte, localizada no município de Barcarena, no nordeste do estado, possui 45 auditores internos, locados em todas as áreas da empresa. Eles auxiliam na manutenção das quatro certificações da refinaria: ISO 14001 e ISO 9001, OHSAS 18001 e SA 8000, que tratam de sistemas de Gestão Ambiental, de Qualidade, Segurança e Saúde Ocupacional, e também de Responsabilidade Social, respectivamente.

“Com o trabalho deste grupo é mais fácil para a empresa se preparar para uma auditoria externa, por exemplo. Além disso, estes auditores têm a chance de aprofundar seus conhecimentos sobre os processos

“**Com este grupo a empresa pode se preparar melhor para uma auditoria externa. Além disso, eles têm a chance de aprofundar seus conhecimentos sobre os processos da fábrica.”**

Rosângela Ferreira, gerente interina da Área de Qualidade e Meio Ambiente da Hydro Alunorte

desenvolvidos na fábrica”, explica a gerente interina da Área de Qualidade e Meio Ambiente, Rosângela Ferreira.

Agora, a empresa aposta no Treinamento de Auditor Líder, promovido também pela Área de Qualidade e Meio Ambiente, com o objetivo de aumentar o nível de qualificação destes profissionais na realização tanto de auditorias internas quanto externas. A capacitação ocorreu em dezembro de 2012 com um curso de uma semana realizado pela Bureau Veritas, empresa contratada para desenvolver a qualificação. Ao final, os seis empregados convidados a participar do treinamento realizaram duas provas, uma teórica e outra oral, para testar o aprendizado. “O treinamento é importante para desenvolver neles um olhar mais profundo sobre os próprios processos. Isso é essencial para que alcancemos a excelência que desejamos”, conclui Rosângela.

O processo de capacitação de auditores internos na Alubar, fabricante de vergalhões e cabos elétricos de alumínio também localizada em Barcarena, é um investimento realizado pela empresa há mais de 10 anos. Com a formação, a empresa ganha pelo conhecimento mais específico dos colaboradores

sobre as atividades desenvolvidas e as melhorias internas oriundas destas novas noções. “Para o mercado, a capacitação de auditores da própria organização ajuda a construir de maneira positiva um sistema de gestão mais consolidado, à medida que ocorrem novas mudanças que são observadas durante a evolução da organização, sendo um grande diferencial como investimento na empresa e nas pessoas”, destaca o coordenador do Controle de Qualidade e Meio Ambiente da Alubar, Hélio Sena.

Na fabricante de vergalhões e cabos, para ser um auditor interno os colaboradores passam por testes e cursos sobre as normas das certificações que a empresa possui – ISO 9001 e 14001 – e exercem voluntariamente a atividade em paralelo à sua função. Realizadas anualmente, as auditorias internas são um preparativo para as externas e utilizam os mesmos parâmetros oficiais. Para isso, os auditores internos participam de treinamentos, a fim de relembrar conceitos e demais informações. Segundo Hélio Sena, a “atribuição de novos conhecimentos associados a cursos e treinamentos garante uma equipe atualizada, experiente e madura para contribuir com a organização em se tratando de certificações”. ❏

❏ **Hélio Sena, da Alubar, acredita nos benefícios da qualificação interna de auditores**



Divulgação Alubar

Lei de Estágio: ainda há dúvidas?

DEPOIS DE QUATRO ANOS, A LEI AINDA CAUSA INCERTEZA E POLÊMICA ENTRE EMPRESAS E ESTAGIÁRIOS

Não é à toa que muitas empresas ainda têm dúvidas na hora de contratar estagiários. Com pouco mais de quatro anos de existência, a Lei de Estágio, em vigor desde setembro de 2008, ainda não ganhou difusão no mercado de forma a sanar todas as dúvidas sobre a legislação. Ela define os parâmetros que regulamentam as contratações de estagiários, a exemplo da carga horária permitida, recesso remunerado, contrato, auxílio-transporte, tempo máximo de estágio, valor da bolsa, seguro de acidentes pessoais, dentre outros.

Criada para definir mais claramente o papel de todos os envolvidos no processo, a lei tenta dar clareza à relação entre estudantes, empresas e instituições de ensino, reforçando as responsabilidades dos contratantes, das escolas, dos agentes de integração e dos estagiários, aperfeiçoando o estágio e tornando-o, efetivamente, um ato educativo.

Mas será que as mudanças criaram uma barreira burocrática, dificultando a oferta de estágios? Será que empresas e estagiários conhecem bem seus deveres e direitos? As dúvidas continuam e as indagações partem de todos os envolvidos.

Vanessa Anjos, coordenadora de Estágio do Instituto Euvaldo Lodi (IEL) no Pará, conta que logo



Ilustração: Renata Segtowski

que foi sancionada em 2008, imaginava-se que a lei traria prejuízo ao empresário e ao estudante, uma vez que foi registrada queda na oferta do estágio por parte do Instituto, mas hoje admite que esse pensamento mudou. “Podemos afirmar que os ganhos são muitos e para todas as partes. Apesar de ainda recebermos dúvidas em relação a alguns itens da lei e precisarmos de ajustes e esclarecimentos, posso afirmar que ela chegou para garantir os direitos dos estagiários e dar segurança às empresas, eliminando os problemas trabalhistas que antes existiam, para quem estabelece um contrato e faz cumprir suas cláusulas”, completa.

Um dos pontos fundamentais dessa lei deixa claro que a relação de estágio não cria um vínculo empregatício com a empresa, mas existem sim direitos e deveres de ambas as partes que devem ser respeitados. “Quando uma empresa não cumpre a lei ou as obrigações assumidas no termo de compromisso, o vínculo de emprego entre o estagiário e a empresa pode ser caracterizado e aí, nesses casos, cabe a aplicação da legislação trabalhista e previdenciária”, esclarece a profissional.

Vanessa diz que dúvidas frequentes chegam ao Instituto, todos os meses, tanto por parte de empre-

sas, como de estagiários, e que na maioria dos casos não é resultado de falta de interpretação, e sim de desconhecimento de alguns pontos da lei. Ela relata que os departamentos de Recursos Humanos das empresas sempre ligam para esclarecer alguns pontos, por exemplo, se o estagiário tem direito a Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e 13º salário; se pode ter suas faltas descontadas e até mesmo o que fazer quando o caso é de gravidez.

Nesses casos específicos ela lembra que, pelo fato do estágio não caracterizar vínculo empregatício, ele também não tem direito a FGTS, 13º salário nem à licença maternidade, mas esclarece: “no caso de gravidez, a empresa pode cancelar o estágio ou seguir com ele até que seja saudável para a mãe e o bebê, contanto que seja de interesse de ambas as partes. E em caso de faltas, a empresa pode sim descontar, desde que não justificada pelo estagiário”.

Vanessa orienta que quando há quebra de alguma dessas normas por parte da empresa, a denúncia deve ser feita pelo estagiário ao agente de integração e este notificará imediatamente a empresa a prestar esclarecimentos. “No caso de reincidência, a empresa ficará proibida de regularizar contrato pelo período de dois anos. E se o descumprimento de deveres partir do aluno, ele pode dar causa à rescisão do contrato, desconto no valor da bolsa ou ser realocado para outra área ou setor compatível ao seu curso”, esclarece.

CONTRIBUIÇÃO

Para tentar diminuir dúvidas e questionamentos e consolidar o estágio de qualidade no país, o IEL Nacional, a partir da sua Unidade de Gestão Executiva, lançou em 2010 uma cartilha explicando item a item da legislação que regulamenta o estágio. A cartilha foi dividida em capítulos que apresentam de maneira objetiva os aspectos gerais do estágio, abordando conceitos, obrigações e atribuições de empresas, instituições de ensino e estudantes. “O IEL Pará distribuiu a cartilha para os núcleos de estágios e bibliotecas das unidades de ensino do estado. Entregamos também às empresas quando vamos fechar a parceria. A cartilha é, sem dúvida, uma importante ferramenta de comunicação para a divulgação dessa lei”, avalia Vanessa.

Ela ressalta que o objetivo da cartilha é fazer com que o estágio atue, efetivamente, como instrumento de descoberta de novos talentos e formação de capital humano, “contribuindo também para estimular a inovação nas empresas, justamente a partir de uma maior aproximação com as universidades”. ➡

PONTOS IMPORTANTES DA LEI

Entre os pontos que precisam de atenção, alguns foram destacados e comentados por Vanessa Anjos:

- A empresa tem a responsabilidade de informar qual o plano de atividades do estagiário, para que este seja incorporado ao contrato.
- O auxílio transporte deve ser dado ao estagiário em dinheiro ou cartão digital, no valor integral estipulado em contrato.
- É dever da empresa fornecer gratuitamente os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) quando necessários às atividades desenvolvidas pelo estagiário.
- A empresa tem por obrigação arcar com as despesas dos exames admissionais, demissionais e periódicos do estagiário.
- A carga horária de estágio é limitada a até 30h semanais, com limite máximo de 6h/dia. É vedada qualquer tipo de compensação.
- A redução da carga horária pela metade, no período das avaliações, deve ser respeitada e o estagiário deve comprovar esse período junto à empresa por meio de documento próprio da instituição de ensino (declaração).
- É assegurado por lei o direito ao recesso contínuo ou fracionado. Se o contrato for de um ano, o aluno tem direito a um mês, fracionado ou não, que deve ser gozado dentro do período do estágio. Para contratos de seis meses, ele tem direito a quinze dias.
- Todo estágio com contrato regulamentado tem direito ao seguro de vida pessoal.

Informação para diminuir conflitos na construção civil

GUIA LANÇADO PELO SINDUSCON-PA ORIENTA COMPRADORES A CONHECER DIREITOS E DEVERES NA AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS E FAZER A MELHOR ESCOLHA

Conquistar a casa própria é um sonho que nunca sai de moda. Um imóvel é, na maioria das vezes, o grande investimento da vida de alguém e a recente onda de incentivos dos bancos públicos aos financiamentos imobiliários tem permitido que cada vez mais pessoas alcancem esse objetivo.

Mesmo sendo um dos mercados que mais têm crescido devido à valorização dos imóveis nos últimos 15

anos, a construção civil ainda é um terreno de conflitos entre compradores e empresas (construtoras e incorporadoras). Porém, no final do ano passado, o Sindicato da Indústria da Construção do Estado do Pará (Sinduscon-Pa) lançou uma iniciativa que tenta mudar esse cenário.

Durante seis meses, o sindicato reuniu dados estatísticos e outras informações para elaborar o Guia da Aquisição do Imóvel com Segu-

rança. Nesta publicação, o comprador pode encontrar um panorama do mercado imobiliário brasileiro e dicas sobre a compra de imóveis na planta, como agregar valor a esse bem, formas de pagamento, avaliação, despesas e obrigações ao adquirir um imóvel, processos contratuais, e até orientações para negociações futuras, como venda e aluguel do imóvel.

Segundo José Roberto Marques Rodrigues, assessor econômico do



Descumprimento dos termos da publicidade, do contrato e do prazo de entrega são as principais causa de conflitos entre construtoras e clientes. Para se resguardarem juridicamente, as empresas e clientes precisam ser claros em suas expectativas e se ater aos termos debatidos."

Daniel Silveira, associado do escritório Silveira, Athias, Soriano de Mello, Guimarães, Pinheiro & Scaff - Advogados

Sinduscon-Pa é responsável pela pesquisa das informações e montagem do guia, a ideia de produzir o livro surgiu a partir do diagnóstico da carência de informações sobre o assunto no Pará. "A intenção é disponibilizar informações úteis para os compradores de imóveis, mas também valorizar os profissionais que atuam com integridade, ética e com respeito ao consumidor. Desse modo, as construtoras e incorporadoras também podem tirar lições do guia", afirma José Roberto.

Munir o comprador de parâmetros para que ele realize um bom investimento é bom para ambas as partes, pois tranquiliza o cliente e faz com que ele escolha empresas comprometidas com prazos, qualidade e com a legislação. "Queremos diminuir a quantidade de conflitos neste setor. Por isso, as empresas consideraram o guia um avanço neste mercado carente de referências e um trunfo para quem faz um trabalho ético", completa. O economista conta ainda que no dia em que a imprensa divulgou pela primeira vez o lançamento da publicação, um mês antes da data oficial, várias pessoas procuraram o Sinduscon-Pa para saber como poderiam adquirir uma cópia.

Para o advogado e mestre em

direito processual Daniel Coutinho da Silveira, as vantagens que o guia traz para o mercado são inúmeras, em especial por reforçar os parâmetros de atuação das construtoras em relação aos seus consumidores. "Quanto mais as empresas se organizarem para prestar um serviço de qualidade e mais transparente, melhor vai ser para a sociedade. É importante que ofereçam diálogo sobre aquilo que consideram importante quanto à compra e venda de imóveis, tornando seus procedimentos mais claros", comenta Daniel, que é associado do escritório Silveira, Athias, Soriano de Mello, Guimarães, Pinheiro & Scaff – Advogados. ➔



OPORTUNIDADE DE NEGÓCIO QUE REQUER CUIDADO

Na última década, o gás injetado na construção civil provou que, apesar dos altos e baixos do mercado, investir em imóveis ainda vale a pena. De acordo com o Sinduscon-Pa, de 2007 a 2011 o Produto Interno Bruto (PIB) do setor no Brasil girou em torno de 160 bilhões, sendo 5,5 bilhões somente no Pará. “A expectativa é que nos próximos 10 anos esse PIB passe para 217 bilhões no país”, reitera José Roberto Rodrigues.

Outros dados favoráveis ao mercado imobiliário são a geração de empregos – que passou de 32 mil vagas em 2004 para 93 mil em 2012 –, a redução da taxa de juros e a aplicação de recursos públicos nos financiamentos, em especial da Caixa Econômica, que alcançou cerca de 100 bilhões em 2012.

No entanto, tantas previsões otimistas e oportunidades aparentemente irrecusáveis que aparecem no mercado não devem fazer o comprador esquecer os cuidados na hora de firmar o negócio. Segundo o assessor econômico do Sinduscon-Pa, essa é a principal mensagem do Guia da Aquisição do Imóvel com Segurança. “Queremos aconselhar os compradores a não ‘embarcar’ na primeira oferta e avaliar se o imóvel atende realmente às suas preferências. O financiamento dura, em média, entre 20 e 30 anos. Então, o indivíduo não pode comprometer o seu orçamento com um bem com o qual ele não vai ficar satisfeito”, detalha.

ESCOLHA COM CONSULTORIA

Na hora de escolher um imóvel, o comprador geralmente tem duas alternativas: pesquisar por conta pró-

pria ou procurar empresas ou profissionais autônomos que tenham conhecimento de mercado e possam buscar opções de acordo com o gosto do morador.

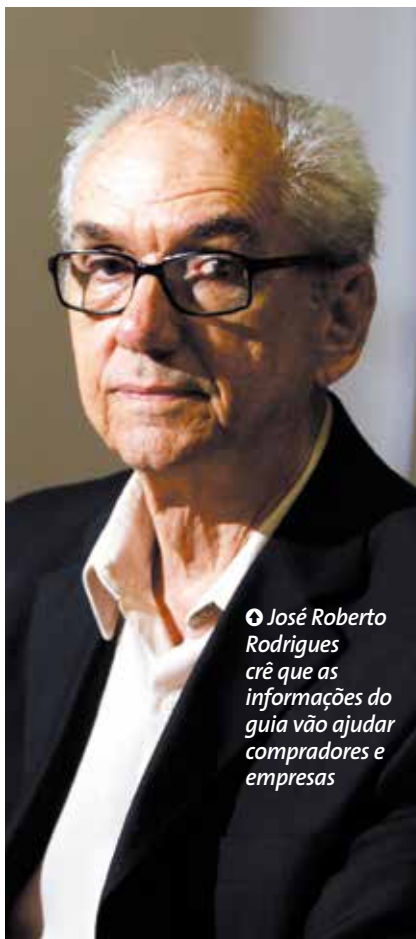
No caso de buscar um corretor, é possível que este tenda a apresentar ao cliente somente os imóveis vendidos pela empresa na qual trabalha, privilegiando o lado positivo da compra. Contudo, José Roberto afirma que o corretor ideal é aquele que estabelece uma relação de confiança com o comprador, dando a ele uma visão clara das vantagens e dos riscos do negócio, e apresentando o preço justo do imóvel. “É sempre bom avaliar o imóvel com engenheiros e arquitetos registrados no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará (CREA-Pa) e que não respondam a processos administrativos nesta instituição”, completa.

Outro personagem cada vez mais comum no negócio é o *house hunter* ou caçador de imóveis. Ele conhece as preferências do comprador (locali-

zação, terreno, infraestrutura e faixa de preço) e busca a unidade que mais se encaixa nesse perfil. “A diferença entre ele e o corretor é que este último já tem um estoque de imóveis disponíveis e tenta vender os que estão nesta lista”, explica o assessor.

Com ou sem ajuda de fora, o comprador deve observar detalhes que muitas vezes passam despercebidos pela maioria das pessoas, como a localização do imóvel em relação a fontes de barulho, a exemplo de bares e casas de show. “Às vezes até clínicas veterinárias podem trazer transtornos para os moradores das redondezas”, relata José Roberto. Além do local, a infraestrutura de lazer e principalmente o tamanho do imóvel devem ser analisados com cuidado. “Maquetes de *showroom* podem dar uma ideia equivocada da amplitude do espaço”, acrescenta.

Escolhida a opção ideal, deve-se verificar o histórico do imóvel e de seu proprietário, como explica Daniel Silveira. “O cliente deve averiguar se o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) está pago, se não há dívidas de condomínio, se não existe penhora, hipoteca ou outros gravames pesando sobre o imóvel. Quanto ao proprietário, é prudente checar se não há processos na justiça nos quais os seus bens possam estar constritos”, cita o advogado. Antes da entrega da chave, os profissionais da área também recomendam uma vistoria nos itens de acabamento, como portas e janelas, para identificar falhas que possam causar transtornos futuros. ↩



✦ José Roberto Rodrigues crê que as informações do guia vão ajudar compradores e empresas

SERVIÇO

O Guia da Aquisição do Imóvel com Segurança pode ser adquirido na sede do Sinduscon-Pa, localizada na trav. Quintino Bocaiuva, 1588, bloco B (1º andar). A publicação está à venda pela quantia de R\$ 20.



A ECONOMIA VERDE PODE SER UMA RESPOSTA À CRISE FINANCEIRA GLOBAL QUE ENFRENTAMOS?

FÁBIO ABDALA

FÁBIO ABDALA, GERENTE DE SUSTENTABILIDADE DA ALCOA AMÉRICA LATINA & CARIBE

A economia verde foi amplamente discutida ao longo de 2012 por ocasião da Rio+20 (Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável). Considerando a estimativa de se atingir 9 bilhões de pessoas, em 2050, e que elas devam viver bem, dentro dos limites no planeta, a sustentabilidade indica modelos de negócios baseados em produtos e serviços “verdes” que atendam à demandas socioambientais nas cidades, no lazer, entretenimento, esportes, transportes, urbanização, em energia e tantas outras dimensões das nossas vidas.

Desde já as empresas podem ofertar a produção ecoeficiente, gerar energias renováveis, reciclar materiais, inovar para mobilidade, construir com sustentabilidade e responsabilidade social outros meios de geração de “lucro admirado”. Considerando apenas a geração de emprego, o Programa das Nações Unidas para Meio Ambiente (PNUMA) relatou que, até 2008, mais de 2,3 milhões de pessoas foram empregadas no setor de baixo carbono, em apenas seis países líderes em empregos verdes (China, Dinamarca, Alemanha, Índia, Espanha e EUA).

Em particular, na cadeia de valor do alumínio há soluções efetivas de economia verde, seja pelas características de suas aplicações e alta reciclagem, seja na eficiência energética e no re-uso de resíduos. No campo das aplicações, por exemplo, em mobilidade está demonstrado que o uso do alumínio nos trans-

portes reduz o peso de aviões, carros e caminhões e aumenta a eficiência de 6% a 10% no uso de combustível, reduzindo emissões. A reciclagem é outro forte atributo do alumínio aplicado em garrafas, carros, materiais de construções, eletrônicos, e outros produtos, pois se estima que 75% de todo o alumínio produzido nos últimos 120 anos está em uso. Além disso, a reciclagem usa 95% menos energia e produz 95% menos gases que a produção de alumínio primário.

No Brasil, a Alcoa, que este ano completa 125 anos de história como precursora do processo industrial de fabricação do alumínio, tem experimentado casos muito consistentes de ecoeficiência na produção, aliando economicidade com redução de pegada ecológica. Em Poços de Caldas (MG), a fábrica substituiu o óleo combustível por gás natural na geração de energia na refinaria de alumina. Isto permitiu reduzir em 36% a emissão direta de gás carbônico (CO₂) em 2011 em comparação com 2005, que é nossa linha de base, e zerou emissões de dióxido de enxofre (SO₂). Vale dizer que o gasoduto de 110 km, em parceria com a GASMIG, catalisou outros projetos regionais de acesso ao gás.

Em São Luís (MA), a ALUMAR transformou resíduos da refinaria (cinzas leves) em insumo para fabricação de cimento, em parceria com outra empresa deste setor e universidades. Como resultados, além de gerar faturamento e reduzir custos de transporte e de áreas de armazenamento de resíduos, reduziram-se 45 mil toneladas de cinzas da fábrica, emissões de particulados nas áreas internas e emissão de CO₂ no transporte interno. Para o cliente foram reduzidas 45 mil toneladas no consumo de argila – portanto com ganho em biodiversidade – e suas emissões de CO₂. Com relação às universidades, estudantes e pesquisadores tiveram uma formação diferenciada.

Enfim, a economia verde entendida como uma ferramenta de ecoeficiência e inclusão social, aliando prosperidade ao bem viver e à ética, pode gerar respostas efetivas à crise financeira. Obviamente há muitos desafios a superar, mas igualmente inúmeras oportunidades. ➔





O mercado precisa de você?

PARA SE DAR BEM PROFISSIONALMENTE NUM MERCADO EM MUTAÇÃO É PRECISO FAZER AS ESCOLHAS CERTAS



➔ *Cláudio Serra coordena o curso de Engenharia de Produção, que é considerado um dos mais promissores*

Encarar a concorrência e as exigências do mercado requer preparo antecipado, ainda na escolha da faculdade, do curso e do ramo que se pretende atuar. Sim, o mercado tem suas tendências, cursos em evidência e aqueles que terão mais rentabilidade e longevidade no futuro. Mas afinal, você seria capaz de conciliar o seu desejo profissional com aquilo que o mercado precisa?

O primeiro passo para isso é descobrir a sua vocação e em seguida uma instituição de ensino que seja referência na área pretendida. Pronto. Agora é mapear o mercado e entender as necessidades de cada segmento. A escolha tem que ser realista e levar em conta o que a região onde você mora tem a oferecer.

Pesquisas em todo o país apontam cursos e profissões promissoras e as mais demandadas pelo mercado, arriscando nos palpites de quais atividades profissionais serão mais valorizadas no futuro. Mas não se engane: é preciso entender que devido às particularidades de cada região esses palpites nem sempre coincidem com a realidade local. Cursos em alta no sul do país podem não atender às necessidades do norte.

“Os cursos mais demandados no Pará estão relacionados às vocações naturais do estado. Aqueles que mais necessitam de bons

profissionais atendem ao ramo da mineração, produção energética e à pesca. Então, é natural que os jovens procurem cursos que possam ser absorvidos por essas áreas. Por isso, apenas em alguns casos, as tendências nacionais coincidem com as nossas”, é o que explica Aline Barros, psicóloga da área de recrutamento e seleção do Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

Exemplo de unanimidade em todo o Brasil é o curso de Contabilidade. Uma pesquisa divulgada pelo Ministério da Educação, com base em levantamento do Sistema de Seleção Unificado (Sisu) a partir do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), apontou em 2011 o curso de Contabilidade no ranking das dez carreiras mais procuradas entre os jovens que prestaram vestibular nas faculdades federais. Um aumento de 50% entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro de 2012, ocupando a oitava posição no ranking nacional, com 28 mil candidaturas.

Aqui no Pará, coincidentemente, dados levantados pelo IEL confirmaram o resultado nacional em relação a esse curso. Para Aline Barros, ele está em alta uma vez que o setor financeiro dentro das indústrias e das empresas exige processos cada vez mais eficientes, transparentes e dinâmicos, tornando o contador personagem essencial no organograma, já

que pode trabalhar com auditoria, contabilidade, controle, perícia ou ainda seguir a carreira acadêmica.

Com relação às vagas de estágio, ela lembra que em 2012 o perfil das vagas ofertadas variou bastante de acordo com a indústria solicitante, mas destaca, dentre elas, fortes demandas para os cursos de Engenharia de Produção, Ciências Contábeis, Administração, Engenharia Mecânica, Psicologia, além de técnicos em Segurança, Mecânica Industrial e Eletrotécnica.

“Se olharmos para o cenário nacional e considerarmos os grandes empreendimentos como a exploração do pré-sal pelo Brasil e a construção de Belo Monte, aqui no Pará, podemos usar como exemplo de carreira promissora a Engenharia de Produção, uma vez que demanda profissionais desta especialidade em todas as etapas do processo”, destaca.

O bom preparo do profissional e sua experiência em período de estágio é o grande diferencial que o mercado valoriza e precisa. “Já nas demandas de estágio para a indústria é possível perceber que os pré-requisitos são mais específicos, podendo ser desejável que o aluno tenha conhecimentos comprovados com certificado e provas práticas em sistemas como o Microsoft Excel e em inglês, além de participação em iniciação científica de algum projeto de extensão”, explica a psicóloga.

O professor José Reinaldo Pacheco Peleja, diretor *pro-tempore* do Instituto de Ciência e Tecnologia das Águas (ICTA) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), conta que por lá os cursos do Instituto vêm ganhando espaço no cenário local. “Ainda não formamos a turma devido à criação recente da instituição. Todavia, de modo geral, os cursos ofertados

Com as transformações econômicas, os cursos que vêm se destacando são Engenharia de Energia, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, os ligados à construção civil e arquitetura sustentável, Aquicultura, Tecnologia de Alimentos e Relações Internacionais.”

José Reinaldo Peleja, diretor pro-tempore do ICTA/Ufopa

pelo ICTA terão mercado garantido, a exemplo do curso de Gestão Ambiental, que é base para a formação específica em Engenharia Sanitária e Ambiental”, comenta.

José Reinaldo conta que no oeste paraense, com relação aos cursos de bacharelado interdisciplinares, as atividades profissionais mais demandadas são aquelas ligadas ao meio ambiente como Gestão Ambiental, seguido de Ciência e Tecnologia das Águas e Ciências Biológicas. “Com relação aos bacharelados específicos, os campeões são Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia de Pesca, Biologia e Engenharia de Aquicultura. Todos são bem remunerados, com destaque para Biologia, em que o salário fica melhor com a conclusão dos cursos de mestrado e doutorado”, destaca.

Criada com o objetivo de

expandir a rede de ensino superior e ampliar o investimento em ciência e tecnologia a partir da inclusão social, a Ufopa se destaca também no quesito inovação. É a primeira no Pará e na região amazônica a ofertar o curso de Engenharia de Aquicultura e a única no Brasil com o curso de Ciência e Tecnologia das Águas.

O professor diz que, com as transformações econômicas, muitos cursos vêm ganhando espaço no mercado nos últimos anos e a tendência é se destacarem cada vez mais no futuro, a exemplo dos cursos de Engenharia de Energia, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, os ligados à construção civil e arquitetura sustentável, Aquicultura, Tecnologia de Alimentos e Relações Internacionais.

É importante lembrar do perfil que estes profissionais devem ter. Além da formação técnica e bom nível de inglês, é preciso saber liderar e trabalhar em grupo. “Um profissional com essa qualificação pode atingir, no início de carreira, um salário de R\$ 5 mil ou R\$ 6 mil, chegando a R\$ 35 mil nos casos de profissionais com 10 e 15 anos de experiência”, explica José Reinaldo.

PROFISSÕES DO FUTURO

Dafne Leitão é um dos exemplos de sucesso aqui no Pará. Com apenas 23 anos, já é assistente de distribuição de uma grande empresa que atua no segmento de petróleo e gás. Ela formou-se pela Universidade da Amazônia (Unama) e a partir do terceiro semestre começou a testar as técnicas e os ensinamentos repassados em sala de aula nas áreas de produtos alimentícios, metalúrgica e transportadora. Para



📍 *Gabriel Velasco se encontrou na profissão de relações intencionais, na qual trabalha com comércio exterior*

ela, era importante experimentar tudo até descobrir em que área gostaria de atuar.

Ela conta que o curso de Engenharia de Produção era e ainda é uma graduação em alta, já que o mercado está em crescimento, gerando muitas oportunidades de emprego e crescimento profissional no estado. “Lembro que antes de me decidir, estudei o perfil desse profissional e observei a ampla área de atuação que me permitiria trabalhar em diversos setores. Esse fator foi fundamental para eu escolher a carreira. Acredito que não adianta optar por um curso apenas para viver um sonho. É importante analisar as oportunidades do mercado”, comenta.

A profissional lembra também que as experiências dos estágios que fez pelo IEL foram importantes para que ela conhecesse o mercado

de trabalho, aprendesse a trabalhar em equipe e, principalmente, colocasse em prática os aprendizados teóricos obtidos na faculdade. “Foi nessa fase também que pude verificar o que o curso oferecia ao profissional e ao mercado. Escolhi Engenharia de Produção por entender que é um profissão-chave, que pode se enquadrar em qualquer setor”, avalia Dafne.

Para se manter bem na posição que ocupa e conquistar o crescimento profissional, Dafne já está fazendo pós-graduação em Logística Empresarial “Eu penso em fazer pós-graduação, especializações, mestrado e doutorado dentro da área. O mercado está competitivo demais. Precisamos estar em constante aperfeiçoamento e reciclagem”, declara.

Para Cláudio Serra, coordenador do curso de Engenharia de

Produção, do Centro Universitário do Estado do Pará (Cesupa), o curso é considerado como o mais versátil dentre as Engenharias, dada a ampla gama de conhecimentos técnicos e gerenciais adquiridos ao longo do curso, permitindo que o profissional se adapte facilmente às novas tecnologias e a vários ramos empresariais. “Ele desenvolve na sua formação competências e habilidades para mobilizar conhecimentos nas áreas econômico-financeira, organizacional e técnica utilizando as ferramentas da tecnologia da informação”, afirma Cláudio.

Com o aumento da demanda pelo profissional de Engenharia de Produção cresceu também a oferta desses cursos pelas instituições de ensino no Pará. Em Belém, a Universidade do Estado do Pará (Uepa) foi a primeira a criar o curso, seguida pela Unama e depois, o Cesupa. Hoje, com mais o Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (Iesam) e a Faculdade Ideal (Faci), a capital paraense já conta com cinco cursos superiores em Engenharia de Produção e vários cursos de pós-graduação nesta área.

Na opinião de Cláudio Serra, a qualidade dos cursos tem aumentado com o passar dos tempos, e os egressos estão conseguindo passar em seleções de *trainee* de grandes empresas brasileiras (e até multinacionais), além de serem aprovados em programas de mestrado em grandes universidades do país. “Diversos alunos estão participando do Programa Ciências Sem Fronteiras, do Governo Federal, além de outros programas e projetos específicos. Com uma formação mais qualificada, esse profissional poderá ajudar no desenvolvimento das empresas paraenses de forma efetiva, que no fim é objetivo de todos”, completa. ➔

COM O PÉ NO MUNDO

Gabriel Velasco, atualmente relações internacionais na APL Trading Ltda., empresa que mantém operações de Comércio Exterior e Internacional no Brasil e nos cinco continentes, conta que escolheu a profissão meio sem querer, mas logo se apaixonou pelo que fazia. “No começo tinha o sonho de ser diplomata, condição mais alta do formado em Relações Internacionais. Hoje em dia meu foco mudou, gosto de trabalhar com comércio exterior. Trabalho em uma trader e estou muito satisfeito, pois faço o que gosto. Tenho planos de ter meu próprio negócio no futuro”, planeja.

Na opinião de Gabriel, qual-

quer profissão pode garantir o futuro, mas é preciso ter amor pelo que se faz e total dedicação ao trabalho. Ele conta que no caso da sua profissão, as características que se sobressaem são: versatilidade, capacidade de trabalhar com praticamente qualquer área – pelo perfil diplomático – e interesse em conhecer cada vez mais. “Ela aparece na lista das profissões do futuro, pois o mundo hoje é bem mais conectado do que antes. As relações exteriores estão bem mais próximas e, quase sempre, são delicadas entre alguns parceiros comerciais, daí a necessidade de um profissional que consiga se adequar em qualquer situação adversa”, explica.

Para o diretor da APL Trading, Arnaldo Paiva Lobo, com o Pará

cada vez mais globalizado, é necessário que as empresas entendam e se adaptem com maior rapidez a este cenário. “Precisamos de profissionais que encarem as exigências globais frente a nossa realidade local. Cada vez mais o intercâmbio do Pará com o mundo se faz necessário e o Comércio Exterior é uma via de mão dupla, em que devemos sempre estar prontos para novos desafios e culturas. Por isso é tão importante um profissional de Relações Internacionais”, detalha o diretor.

Arnaldo formou-se no Cesupa e já fez MBA em Comércio Exterior pela Fundação Getúlio Vargas, por entender que sua profissão exige atualização e aprimoramento. Ele acredita que, ano após ano, a profissão que escolheu será cada vez mais compreendida e exigida pelas empresas do Pará, visto a imensa quantidade de empresas exportadoras e multinacionais que voltam os olhos para o estado. “Em alguns anos, sem dúvida alguma, existirá uma demanda gigantesca por profissionais deste segmento”, conclui. ☑



“Precisamos de profissionais que encarem as exigências globais frente a nossa realidade local.”

Arnaldo Paiva Lobo, diretor da APL Trading (à esquerda)



ABRA AS PORTAS DA SUA EMPRESA PARA PROFISSIONAIS QUALIFICADOS.

Educação a Distância SENAI. Conecte-se aos melhores profissionais da indústria.

O SENAI está ampliando a oferta de cursos a distância. São diversos novos cursos técnicos e de qualificação, nos quais o aluno estuda pela internet e de acordo com o seu tempo. Conheça alguns dos cursos oferecidos e acompanhe as novidades no *site* www.senai.br/ead.

Mais informações:
(91) 4009 4759



Uma iniciativa da Indústria Paraense

Programa ajuda a formar mão de obra para a indústria

PRONATEC É PARTE DO ESFORÇO DO GOVERNO PARA ALAVANCAR A FORMAÇÃO DE MÃO DE OBRA QUALIFICADA, E TEM O SENAI COMO UM DOS PRINCIPAIS PARCEIROS OFERTANTES

⌚ Anderson Rosa e Maira Cardoso estão entre os milhões de brasileiros que ingressam no Pronatec para aumentar suas chances no mercado de trabalho

Bruno Caracnesti

Anderson Rosa, 35, e Maíra Cardoso, 32, pararam de estudar quando ainda eram jovens para poder trabalhar e ajudar a família nas contas da casa. Hoje, casados e com uma filha de sete anos, passam por uma mudança radical. Decididos a melhorar de vida, ambos voltaram a estudar para concluir o ensino médio e, mais do que isso: se inscreveram no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e conseguiram ingressar nos cursos técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), um dos principais parceiros do Programa criado pelo Governo Federal.

Mesmo ainda no início do curso

técnico de Eletromecânica, Anderson já consegue imaginar o futuro daqui para frente. “Queremos o melhor para a nossa filha e por isso tomamos essa decisão. Tenho certeza que essa formação vai nos ajudar a crescer na vida e dar o exemplo de pais que nossa filha merece”, conta Anderson, que também se diz orgulhoso da esposa, aluna do curso técnico de Segurança do Trabalho.

Essa é a realidade do Anderson, da Maíra e de milhões de brasileiros, que assim como eles, precisam de oportunidades. O Pronatec, além de formar trabalhadores para a indústria, tem o objetivo de oferecer a estudantes da rede pública, trabalhadores que estejam recebendo o seguro desemprego, pes-

soas com deficiência, beneficiários e dependentes dos programas federais de transferência de renda, militares das forças armadas e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, a oportunidade de melhoria de vida através da educação profissional.

Os cursos oferecidos pelo Pronatec representam oportunidades para que estes indivíduos possam mudar as suas trajetórias de vida.

“No Brasil, já temos 2.521 milhões de jovens e trabalhadores matriculados nos cursos do Pronatec e até 2014 vamos abrir oito milhões de vagas. Pela parceria entre as escolas técnicas federais e estaduais com o sistema S, vamos ampliar muito as possibilidades de



2,5

**MILHÕES DE
BRASILEIROS JÁ ESTÃO
MATRICULADOS NO
PRONATEC, DENTRE
ELES ESTUDANTES,
PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA E
BENEFICIÁRIOS DOS
PROGRAMAS FEDERAIS
DE TRANSFERÊNCIA
DE RENDA**



A importância do Programa está dentro de um contexto de desenvolvimento tanto social quanto econômico e a parceria do Senai, uma instituição reconhecida pela tecnologia e educação, foi um casamento perfeito que trouxe os alunos da rede pública como o público prioritário.”

Márcia Aguiar, coordenadora de Educação Profissional da Seduc

formação profissional, tanto para a nova geração quanto para os que já trabalham e querem aprimorar a formação”, afirmou a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em discurso recente.

ENSINO

Os cursos do Pronatec são oferecidos pelas escolas da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (institutos federais e escolas técnicas vinculadas às universidades federais), pelas entidades dos Sistemas Nacionais de Aprendizagem (Senai, Senac, Senat e Senar) e pelas redes públicas estaduais de ensino, com o apoio do Ministério da Educação.

Segundo o Ministério da Educação (MEC), o último balanço do Pronatec, criado em outubro de 2011 pela Lei 12.513, mostra que o programa atendeu até dezembro de 2012 mais de 2,5 milhões de brasileiros.

No Pará, a Secretaria de Estado de Educação (Seduc) é a maior demandante das vagas ofertadas pelo Senai. Em 2013, das 10.628 matrículas disponibilizadas pela instituição de ensino profissionalizante, mais de um terço será destinado para os alunos do ensino médio da rede pública.

Segundo a coordenadora de Educação Profissional da Seduc, Márcia Aguiar, o Pronatec possi-

bilita o aumento da escolaridade e ajuda os alunos a serem mais assertivos nas escolhas e se reconhecem como profissionais de determinada área. “A importância do Programa está dentro de um contexto de desenvolvimento tanto social quanto econômico e a parceria do Senai, uma instituição reconhecida pela tecnologia e educação, foi um casamento perfeito que trouxe os alunos da rede pública como o público prioritário”, afirma.

MAPA DO TRABALHO

A escassez de profissionais capacitados tem sido a grande preocupação do setor industrial em todo o país. Desse modo, o Pronatec é considerado parte do esforço feito pelo Governo Federal para alavancar a formação de mão de obra qualificada.

No Pará, o problema foi elevado à questão de primeira ordem com a chegada de mega empreendimentos, entre eles a 3ª maior hidrelétrica do mundo – a Usina de Belo Monte –, o Projeto de extração de Minério de Ferro, o S11D da Vale e o Projeto Alumina Rodon, da Votorantim Metais.

Os investimentos previstos até 2016 chegam a aproximadamente R\$ 130 bilhões e vão demandar mais de 160 mil empregos diretos

nos próximos anos. Os dados são do Guia Pará Investimentos 2012-2016, uma publicação da Rede de Desenvolvimento de Fornecedores – Redes, do Sistema FIEPA.

No segundo ano do Pronatec, o Senai Pará tem a meta de qualificar cerca de 10 mil pessoas. Essas vagas vão impactar diretamente nas matrículas da instituição por ano, passando de 59 mil em 2012 para 110 mil até 2014. A tendência é justamente para atender à demanda identificada no Mapa do Trabalho Industrial, elaborado pelo Senai Nacional, que apontou que o Pará precisará formar 104,4 mil trabalhadores em nível técnico e em áreas de média qualificação para atuar em profissões industriais. Com a ampliação e modernização das unidades operacionais, o Senai já traça um audacioso plano de formação de mão de obra com vistas à tecnologia e à formação de técnicos industriários.

EMPREGO GARANTIDO

Com tanta demanda de mão de obra, quem procura se qualificar tem grandes chances de conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Foi o que aconteceu com José Avelino, 26, que fez o curso de Ajustador Mecânico no Senai e antes mesmo de receber o certifi-

cado já estava trabalhando em uma indústria de fabricação de carrocerias em Paragominas, no nordeste do estado.

Avelino faz parte de um dos públicos atendidos pelo Pronatec. Ele é beneficiário do Bolsa Família e foi inscrito no Senai pelo Centro de Referência de Assistência Social do município, ocupando uma das vagas ofertadas ao Ministério de Desenvolvimento Social.

"Foram momentos indescritíveis de autossuperação. Tive muito apoio dos professores e eles foram muito importantes na minha formação. Agradeço ao Senai e a todos que me motivaram", reconhece Avelino.

Mais do que uma carteira de trabalho assinada, José conta que ganhou reconhecimento. "Quando estava desempregado, fazia bico na serralheria do meu irmão na parte de solda, mas sem ter a qualificação. Hoje vejo a diferença na qualidade do meu serviço e principalmente na segurança e nas técnicas para usar os equipamentos", conclui.

Reconhecimento esse que vem do chefe, o diretor da empresa Inchol, Hildebrando Bragança, que elogia o desempenho de Avelino e admite priorizar a contratação de quem possui certificação profissional. "Precisamos de mão de obra qualificada, dessa forma diminuímos as falhas e os acidentes de trabalho", explica. Com mais de 20 anos no mercado, a tendência é de crescimento e da necessidade de mais profissionais. "Precisamos de Torneiro Mecânico e outros profissionais. Vagas não faltam", enfatiza o empresário.

"Casos como o de José demonstram a importância da atuação do Senai e por isso investimos cada vez mais na ampliação e modernização da instituição, visando contribuir para o aumento da competitividade da indústria paraense" afirma o diretor regional do Senai, Gerson Peres. ➡



*9.935 vagas em 74 cursos de qualificação e 693 vagas em 4 cursos de habilitação técnica

Por uma indústria saudável

SESI E EMPRESAS INVESTEM NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS E NA QUALIDADE DE VIDA DE QUEM TRABALHA NA INDÚSTRIA

Fotos: Bruno Caracheti



❖ *A rotina da médica do Trabalho Leila Paiva é ajudar os trabalhadores da Oi a cuidarem da saúde e do bem-estar*

Investir na saúde e na segurança do trabalhador vai muito além de disponibilizar equipamentos de proteção individual (EPIs) e coletiva (EPCs). Aliada a isso, uma série de medidas e ações possibilitam ao trabalhador uma vida saudável. Comprovadamente, além de cumprir a lei, as empresas que adotam práticas de Segurança e Saúde no Trabalho (SST) aumentam signi-

ficativamente seus resultados.

Estudos mostram que a cada dólar investido em ações para melhoria do ambiente de trabalho e promoção da saúde, outros quatro dólares retornam à organização. Os ganhos estão refletidos no fortalecimento de imagem perante o público consumidor, no aumento da produtividade e na redução de gastos com acidentes, doenças decorrentes do trabalho,

absenteísmo e assistência à saúde.

Para apoiar as empresas no cuidado com a saúde e o bem-estar dos empregados, o Serviço Social da Indústria (Sesi) mantém o programa Indústria Saudável, por meio do qual oferece uma série de serviços educativos e preventivos integrados que contribuem para prevenir e tratar problemas de saúde que possam acometer os trabalhadores.

De natureza educacional, ambiental e organizacional, esse conjunto de serviços e ações tende a melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores industriais e também a de seus dependentes.

A empresa de telefonia Oi é uma parceira do Sesi no programa por meio de um contrato de Saúde Ocupacional, mantendo inclusive um ambulatório em sua sede localizada na avenida Dr. Moraes, em Belém. A médica do Trabalho Leila Paiva destaca a importância desse profissional dentro das grandes empresas, o que contribui para evitar o absenteísmo, que é o afastamento do trabalhador, e danos à produtividade. “Se há a prevenção e o empregado é atendido na própria empresa, evita-se a sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS)”, comenta.

Nesse contexto, ela cita os programas de ginástica laboral, de saúde bucal, entre outros, como medidas eficazes para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador. “Todo trabalhador pode estar sujeito a uma doença ocupacional, mas na indústria os cuidados devem ser redobrados devido à utilização de produtos químicos e a incidência de ruídos, entre outros riscos que definimos como agentes nocivos à saúde. É por isso que, para eles, recomendamos a realização de exames médicos e laboratoriais rotineiros, como audiometria, raios-x, hemograma, teste de glicemia e até eletroencefalograma para quem trabalha nas alturas. Temos que zelar pela vida”, reforça a médica.

INIMIGOS INVISÍVEIS

Nelson Conceição, gerente de Saúde do Departamento Regional do Sesi, diz que uma empresa deve planejar os investimentos em saúde

de forma objetiva e de preferência baseada em diagnósticos, capazes de revelar até aqueles “inimigos invisíveis”. Dados do Sesi com base na indústria brasileira mostram que esses inimigos geralmente são a hipertensão, presente em 26% dos trabalhadores da indústria; obesidade (12%); tabagismo (12%); dieta não saudável (13%) e sedentarismo (15%). Todas essas situações podem contribuir para o afastamento do indivíduo do trabalho.

Por meio da pesquisa profissionais do Sesi conseguem indicar as prioridades e estratégias de investimento em saúde. Em cerca de 20 minutos, por meio de entrevistas individuais com os trabalhadores, são investigadas as condições de saúde e estilo de vida de cada um. Em outros 20 minutos, eles passam por exames de altura, índice de massa corporal, circunferência abdominal, glicemia, pressão arterial e ainda, avaliação bucal.

Segundo o gerente, tudo é possível de ser controlado e gerenciado. “Com base nos diagnósticos, que são realizados sem ônus para as empresas, é possível otimizar a aplicação dos recursos em saúde e ainda medir a efetividade das ações implementadas”, explica. Com o investimento a partir de R\$ 3,50 por trabalhador, a empresa pode ter acesso a várias ações nessa área, por meio do Modelo Sesi SST (veja quadro completo abaixo). Algumas delas são o Programa de Prevenção a Riscos Ambientais (PPRA), Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional, incluindo consultas ocupacionais, cursos de Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), Programa de Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção (PCMAT) e materiais educativos para distribuição aos ➔

“Uma empresa deve planejar os investimentos de saúde de forma objetiva e de preferência baseada em diagnósticos, capazes de revelar os inimigos invisíveis da saúde, como a hipertensão e o sedentarismo.”

Nelson Conceição, gerente de Saúde do Departamento Regional do Sesi



trabalhadores.

No Sesi Indústria Saudável cada caso é singular. O programa oferece às indústrias soluções integradas ou de acordo com a necessidade de cada empresa. A cada visita do Sesi às empresas industriais são promovidos encontros dinâmicos planejados para possibilitar o desenvolvimento de temas, discussões e conteúdos que fazem parte do pentágono do bem-estar, que é composto por cinco ações determinantes do estilo de vida dos trabalhadores: hábitos alimentares, atividade física, controle do estresse, relacionamentos e comportamento preventivo.

BONS FRUTOS

Há cerca de um ano a Quanta Engenharia, outra empresa estabelecida em Belém, apostou na parceria com o Sesi e hoje já colhe bons frutos. Em 2012, foi a primeira colocada na etapa regional do Prêmio Sesi de Qualidade no Trabalho (PSQT), como empresa de médio porte, na área temática “Ambiente de Trabalho Seguro e Saudável”. O PSQT homenageia as empresas brasileiras que investem na valorização e na qualidade de vida dos trabalhadores. Pioneira no setor, a premiação estimula o exercício da cidadania

nas relações de trabalho e incentiva as empresas a incorporarem a responsabilidade social em suas estratégias, compartilhando boas práticas.

Edinair Guimarães, técnica em Segurança do Trabalho da Quanta, defende ações que garantam a qualidade de vida e a satisfação dos trabalhadores. “Estamos muito satisfeitos com a consultoria do Sesi e as ações que desenvolvemos juntos para o bem-estar dos nossos trabalhadores e até de suas esposas e seus filhos. Já tivemos uma baixa significativa no tabagismo nas obras, por exemplo”, exemplifica.

SAIBA QUAIS SÃO AS LINHAS DE ATUAÇÃO DO INDÚSTRIA SAUDÁVEL:

- **DIAGNÓSTICO SAÚDE E ESTILO DE VIDA** – destinado à prevenção das DNTs (Doenças não transmissíveis), com foco na detecção precoce de doenças crônicas.
- **PROGRAMA DE CONTROLE MÉDICO E SAÚDE OCUPACIONAL (PCMSO)** – especifica procedimentos e condutas a serem adotados pelas empresas, como prevenção, diagnóstico, monitoramento e controle de possíveis danos à saúde do trabalhador em função dos riscos aos quais os empregados se expõem no ambiente de trabalho. O objetivo é preservar a saúde e integridade desses trabalhadores.
- **PROGRAMA DE PREVENÇÃO DE RISCOS AMBIENTAIS (PPRA)** – desenvolvido para reconhecer e avaliar os perigos/riscos do ambiente de trabalho e propor ações de melhoria nesses ambientes.
- **PROGRAMA DE PREVENÇÃO DE PERDAS AUDITIVAS (PPPA)** – tem a finalidade de monitorar a audição dos trabalhadores que estão expostos a ruídos acima do nível de ação (80 db).
- **CONSULTAS CLÍNICAS OCUPACIONAIS** – atividade desenvolvida por um médico clínico ou médico do Trabalho, voltada à saúde ocupacional. As consultas podem ser realizadas na empresa.
- **SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO** – orientação, conscientização e prevenção de acidentes na empresa, abordando noções de combate a incêndio, a importância da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), das Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho (SIPAT) e de outros temas da área de saúde.
- **AÇÕES EDUCATIVAS E PREVENTIVAS EM SAÚDE** – ação desenvolvida pelos profissionais de SST visando à aplicação dos programas preventivos (PPRA e PCMSO). Os profissionais de SST do Sesi promovem a capacitação dos funcionários e empresários das indústrias para a prevenção de acidentes e doenças ocupacionais.
- **ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA** – a assistência odontológica é prestada às empresas industriais, trabalhadores e dependentes por meio de consultórios e unidades móveis instaladas no âmbito das empresas e região circunvizinha. O atendimento pode ser realizado também em clínicas odontológicas das unidades do Sesi.
- **PROGRAMA INVISTA (SAÚDE VISUAL)** – unidade móvel equipada com aparelhos de última geração e pessoal técnico especializado em procedimentos oftalmológicos. As consultas e exames são realizados na própria unidade, que confecciona os óculos e os entrega imediatamente após os procedimentos.

TRABALHADORES GANHAM UNIDADE DO “INDÚSTRIA SAUDÁVEL”

Em breve será inaugurada em Belém uma nova unidade do Sesi, o Sesi Indústria Saudável, um moderno centro de referência no atendimento e na melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria paraense. O endereço é a avenida João Paulo II, esquina com a travessa Barão do Triunfo, no bairro do Marco. Em um prédio de seis pavimentos, a nova unidade vai atender as quatro gerências de áreas de negócios do Departamento Regional do Sesi: Saúde, Educação, Cultura, Esporte e Lazer, e Responsabilidade Social Empresarial (SER).

Na área da Saúde haverá atendimento em Segurança e Saúde no Trabalho (SST) e Odontologia. Esses serviços hoje são oferecidos em lugares diferentes da capital paraense.

No Esporte, o prédio vai contar com academia climatizada e equipada com aparelhos modernos, onde será possível a prática de musculação e ginástica ocupacional e ainda a realização de avaliação física, tudo acompanhado por profissionais da área.

As ações de Educação terão linguagem totalmente inovadora. As aulas serão ministradas em formato 3D, por meio de um software

indiano que, em termos de tecnologia educacional, é o que há de mais moderno no mercado. O prédio vai abrigar as aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e da Educação Básica e Profissional Articulada (EBEP). Os alunos terão uma biblioteca com mais de cinco mil títulos de diversas áreas do conhecimento e um laboratório de informática completo.

No laboratório funcionará o programa “Educação num clique”, que contempla cursos de educação continuada com enfoque em Matemática Aplicada, Produção Textual, Espanhol e Inglês (níveis básico, intermediário e avançado), Artes, Informática Básica (Inclusão Digital) e Educação Orçamentária, por meio dos mais modernos recursos da tecnologia digital.

Em Responsabilidade Social, a unidade centralizará as ações do Projeto Viravida, que atende adolescentes e jovens que vivenciaram a situação de exploração e abuso sexual, oferecendo-lhes uma oportunidade de profissionalização. Ao longo de quase quatro anos, mais de 2.500 jovens foram atendidos pelo projeto, uma iniciativa do Conselho Nacional do Sesi. “O Sesi Pará não mede esforços na busca pelo nosso objetivo de tornar a nova unidade uma referência na região norte e talvez do Brasil, no que se refere a instalações e atendimento”, afirma Luiz Negreiros, gerente do espaço em instalação. ❏

DIAGNÓSTICO DE SAÚDE E ESTILO DE VIDA

➔ Etapa 1 – Levantamento dos serviços e benefícios de saúde

- Entrevista com a área de Recursos Humanos para mapeamento de benefícios e serviços contratados, percepções, falas e desafios do gestor

➔ Etapa 2 - Circuito de Atendimento

- 2.1 - Aplicação de questionário socioeconômico e de saúde para os trabalhadores, abordando a prática de atividade física, alimentação, histórico familiar de saúde, comportamento preventivo e estado psicológico
- 2.2 - Medições simplificadas (peso, altura, circunferência abdominal, pressão arterial, saúde visual e saúde bucal)
- 2.3 - Orientação educativa

➔ Etapa 3 – Apresentação de resultados

📍 Edinair Guimarães acredita que ações pela qualidade de vida dos trabalhadores são essenciais



VIDA CORPORATIVA

VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL: O QUE MUDA PARA AS EMPRESAS QUE INVESTEM NA TRANSPÂRENCIA COM OS EMPREGADOS E COM A COMUNIDADE?

Em um mundo cada vez mais globalizado, a gestão das organizações passa essencialmente pela gestão da informação. Embaladas por essa tendência, que tem se mostrado eficaz para a melhoria da imagem corporativa e até mesmo da lucratividade do negócio, diversas empresas já encaram a comunicação empresarial como fator estratégico. Dessa forma, os veículos de comunicação de uma indústria, se bem gerenciados, podem contribuir para reiterar a cultura empresarial no ambiente interno e propagar as boas práticas corporativas externamente.

Para o consultor de empresas Marcelo Bentes, “a comunicação empresarial é uma ferramenta interessante para que as ações de um empreendimento – dentro e fora dele – aconteçam e sejam conhecidas de forma eficiente e menos burocrática”. Segundo ele, com a divulgação clara e periódica de informações por meio de um jornal, por exemplo, uma empresa pode estar mais próxima dos seus colaboradores, clientes, parceiros e da comunidade do entorno, que passam a saber mais sobre o empreendimento, o que a empresa tem a oferecer, o que pratica em termos de responsabilidade social e ambiental, entre outras questões.

Em relação aos aspectos estritamente mercadológicos, o consultor afirma que a comunicação empresarial contribui para a fixação da marca. “Consolidar uma marca forte no mercado hoje requer



cada vez mais inovação e criatividade. Uma comunicação de excelência reflete diretamente na qualidade dos serviços prestados e no retorno para a empresa”, considera Marcelo Bentes.

A Mineração Rio do Norte (MRN), maior produtora brasileira de bauxita, matéria-prima do alumínio, que está localizada em Porto Trombetas, no oeste do Pará, investe há muito tempo em comunicação. Na empresa, que opera desde 1979 e tem como negócio extrair, beneficiar e comercializar bauxita, os canais institucionais estão no escopo do Plano Diretor de Comunicação.

Segundo a gerente de comunicação da MRN, Ana Cunha, os veículos são fundamentais para garantir o alinhamento, gerenciamento e divulgação das principais informações, o que é estratégico para a gestão. Com a política de comunicação, a MRN busca atingir os seus funcionários e a comunidade, mantendo-os bem informados sobre o cotidiano da empresa.

Um dos veículos de comunicação da MRN é o jornal Konduri. Criado em 2008 e de periodicidade bimestral, o informativo chega às residências de, aproximadamente, cinco mil moradores de 60 comunidades ribeirinhas dos municípios de Faro, Terra Santa e Oriximiná, na área de influência da empresa. “Os assuntos abordados na publicação representam o cotidiano dos leitores. No jornal, as comunidades relatam suas conquistas, contam as suas histórias e mostram também como atuam nos projetos que desenvolvemos em parceria com elas”, explica Ana Cunha.

A gerente de comunicação diz ainda que o Konduri é bastante esperado pelos ribeirinhos e também fala sobre cidadania e meio ambiente. “A MRN, claro, não pode se isentar de exercer este papel. Falamos sobre várias questões, como os cuidados com a água, com a saúde e a destinação do lixo”, destaca. “Para fortalecer ainda mais este vínculo, recebemos, mensalmente, por meio do nosso programa de visitas, grupos de diversas comunidades para conhecer as atividades da empresa. Trabalhamos a comunicação na perspectiva da gestão empresarial com foco na qualidade das relações e na geração de valores para todos”, complementa.

A produtora de bauxita mantém ainda outros veículos de comunicação: um jornal mensal distribuído para todos os moradores da vila; um jornal mural semanal, disponível em 19 quadros de diferentes áreas da empresa, com as informações sobre gestão e rotina, além de assuntos de interesse comunitário; intranet; campanhas educacionais e motivacionais; o informativo quinzenal Mina de Notícias, destinado aos empregados que residem no alojamento da mina, além de uma ferramenta gerencial de apoio para repasse de informações estratégicas, que fortalece a comunicação face a face e funciona como um instrumento de apoio ao gestor na comunicação com sua equipe. A MRN também está presente nas redes sociais, como no Twitter.

A política de comunicação da empresa, segundo Ana Cunha, é bem avaliada por gerentes de outras

áreas da MRN. “Anualmente realizamos uma pesquisa interna com todos os empregados para avaliar formalmente o processo e a eficácia das ferramentas. Em 2012, tivemos uma média de 95,73% de avaliações positivas sobre os canais de comunicação”, revela. Ainda segundo a gerente, a cultura da comunicação corporativa dentro da MRN vem sendo construída e fortalecida desde 1991, quando foi criada a área de comunicação da empresa. “Este é um trabalho que precisa ser contínuo, acompanhando as mudanças da organização. Sempre haverá novos desafios”, conclui.

Para o engenheiro eletricitista Alexandre Figueira Oliveira, que trabalha na MRN há quase dois anos, ter um trabalho divulgado nos veículos de comunicação é uma forma de reconhecimento pela superação dos desafios encontrados até o resultado final. Ele acha importante que os funcionários e a comunidade conheçam quais e como estão sendo desenvolvidas as ações corporativas e a importância destas iniciativas. “Creio que a divulgação dos trabalhos também aumenta a autoestima do colaborador e o motiva a tentar melhorar cada vez mais o seu desempenho”, considera o engenheiro. Alexandre Oliveira completa que a MRN ganha credibilidade e respeito de seus colaboradores, clientes, fornecedores e da imprensa, a partir do momento em que apresenta informações claras e necessárias e demonstra transparência das suas atividades econômicas e sociais. ❏

☞ **Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado do Pará – Sinditec**

Presidente: Flávio Junqueira Smith
(91) 3230-3721
flavio@castanhal.com.br
www.sindindustria.com.br/sinditecpa

☞ **Sindicato das Indústrias Madeiras do Vale do Açar – Simava**

Presidente: Oseas Nunes de Castro
(91) 3727-1512 / 3727-1016
madeireiramaiz@hotmail.com
www.sindindustria.com.br/simavapa

☞ **Sindicato das Indústrias Gráficas do Oeste do Pará**

Presidente: Antônio Djalma Vasconcelos
(93) 9121-6220
djasvascon@yahoo.com.br
www.sindindustria.com.br/sigepa

☞ **Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Pará – Sigepa**

Presidente: Carlos Jorge da Silva
(91) 4009-4985 / 3241-5744
sigepa@globocom / sigepa@fiepa.org.br

☞ **Sindicato da Indústria de Confeccões de Roupas e Chapéus de Senhora do Estado do Pará – Sindusroupa**

Presidente: Rita Arêas
(91) 4009-4872
sindusroupa@yahoo.com.br
www.sindindustria.com.br/sindusroupa

☞ **Sindicato da Indústria de Marcenaria do Estado do Pará – Sindmóveis**

Presidente: Neudo Tavares
(91) 3212-3318
sindmouveis@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindmouveispa

☞ **Sindicato da Indústria de Azeite e Óleos Alimentícios do Estado do Pará – Sinolpa**

Presidente: Antônio Pereira da Silva
(91) 4009-8000 / 4009-8004 / 3258-0001
apereira@agropalma.com.br
www.sindindustria.com.br/sinolpa

☞ **Sindicato da Ind. Metalúrgica, Mecânica e de Mat. Elétrico do Estado do Pará – Simepa**

Presidente: Marcos Marcelino de Oliveira
(91) 3223-7146 / 3242-7107
simepa@simepa.com.br
mrmarcos@marcosmarcelino.com.br
www.sindindustria.com.br/simepa

☞ **Sindicato das Indústrias de Mármore e Granitos do Estado do Pará**

Presidente: Ivan Palmeira Anijar
(91) 3210-8800 / 3210-8843
ivanijar@marmobraz.com.br

☞ **Sindicato da Indústria de Pesca do Estado do Pará – Sinpesca**

Presidente: Armando José Romaguera Burlle
(91) 3241-4588 / 3241-2101
sinpesca@interconnect.com.br
sinpesca@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sinpescapa

☞ **Sindicato da Indústria de Calçados do Estado do Pará**

Presidente: Jaime da Silva Bessa
(91) 3224-6621
jaimebessa@hotmail.com

☞ **Sindicato da Ind. de Madeira de Jacundá – Simaja**

Presidente: Jonas de Castro
(94) 3345-1224 / 3345-1186

☞ **Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Pará – Sinduscon**

Presidente: Marcelo Gil Castelo Branco
(91) 3241-4058 / 3212-0132 / 4009-4988 / 3241-3763
secretaria@sindusconpa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindusconpa
www.sindusconpa.org.br

☞ **Sindicato da Ind. de Serr., Carp. Tan. Mad. Compensadas de Marabá – Sindimar**

Presidente: João Batista Corrêa Filho
Rua Nagib Mutran, 395 – Cidade Nova
68501-570, Marabá (PA)
www.sindindustria.com.br/sindimarpa

☞ **Sindicato da Indústria de Panificação do Estado do Pará – Sippa**

Presidente: Elias Pedrosa
(91) 3222-5140 / 3241-1052
sippa@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sippa

☞ **Sindicato da Ind. Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico de Construção e Região Norte e Nordeste – Simenepa**

Presidente: Nelson Tauro Oyama Kataoka
(91) 3721-3835 / 3711-0868
simenepa@hotmail.com / delegaciacaastanhal@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/simenepa

☞ **Sindicato da Indústria da Construção Naval do Estado do Pará – Sinconapa**

Presidente: Fábio Ribeiro de Azevedo Vasconcelos
(91) 3224-4142 / 4009-4981
fabio.sinconapa@fiepa.org.br / sinconapa@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sinconapa

☞ **Sindicato da Indústria de Bebidas do Estado do Pará**

Presidente: Juarez De Paula Simões
(91) 3201-1500 / 3201-1508
juarez.simoes@gruposimoes.com.br
www.sindindustria.com.br/sindbebidaspa

☞ **Sindicato da Indústria de Serr. Tan. Mad. Comp. de Mad. de Paragominas – Sindiserpa**

Presidente: Mario Cesar Lombardi
(91) 3011-0053
sindiserpa@nortnet.com.br
www.sindindustria.com.br/sindiserpa

☞ **Sindicato da Indústria de Palmitos do Estado do Pará – Sindipalm**

Presidente: Fernando Bruno C. Barbosa
(91) 3225-1788 / 4009-4883
sindipalm@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindipalmpa

☞ **Sindicato da Ind. de Benef. de Arroz, Milho, Mand. Soja, Cond. e Rações Bal. do Estado do Pará**

Presidente: Paulo Roberto Mendes
(91) 3222-0339
moinhoesperanca@hotmail.com

☞ **Sindicato da Indústria de Olaria Cerâmica para Construção e de Artefatos de Cimento a Armado do Estado do Pará – Sindolpa**

Presidente: Lisio dos Santos Capela
(91) 3241-0349
lscapela@gmail.com

☞ **Sindicato da Indústria de Madeira de Tucuruí e Região – Simatur**

Presidente: Angelo Colombo
simatur@mcoline.com.br

☞ **Sindicato da Ind. de Preparação de Óleos Vegetais e Animais, Sabão e Velas do Estado do Pará**

Presidente: Luiz Otávio Rei Monteiro
(91) 3204-1400/1401 / 3204-1430
smdist@amazon.com.br
vendas@grupostamaria.com.br

☞ **Sindicato da Ind. de Produtos Químicos, Farm. e de Perfumaria e Artigos de Toucador do Estado do Pará – Sinquifarma**

Presidente: Nilson Monteiro De Azevedo
(91) 3241-8176 / 4009-4876
nilson@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sinquifarmapa

☞ **Sindicato das Indústrias de Biscoitos, Massas, Café (Torrefação e Moagem), Salgadinhos, Substâncias Aromáticas, Doces e Conservas Alimentícias, Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Pará**

Presidente: Helio De Moura Melo Filho
(91) 3711-0868
siapa@linknet.com.br / helio@hilea.com.br
www.sindindustria.com.br/siapa

☞ **Sindicato da Agroindústria Tabageira do Estado do Pará – Saitepa**

Presidente: José Joaquim Diogo
(91) 4009-4871
www.sindindustria.com.br/saitepapa

☞ **Sindicato da Ind. de Serr. Tan. de Mad. Comp. e Lam. de Belém e Ananindeua**

Presidente: Cezar Remor
(91) 3242-4081 / 4009-4878 / 3242-7342
sindimade@sindimade.com.br
www.sindindustria.com.br/sindimadpa

☞ **Sindicato da Carne e Derivados do Estado do Pará – Sindicarne**

Presidente: Dalberto Uliana
(91) 3225-1128 / 4009-4886
sindicarnepa@sindicarnepa.com.br
www.sindindustria.com.br/sindicarnepa

☞ **Sindicato da Indústria Madeireira de Dom Eliseu – Símade**

Presidente: Rogério Bonato
(91) 3335-1142

☞ **Sindicato das Ind. da Construção e do Mobiliário de São Miguel do Guamá, Irituia Mãe do Rio e Aurora Do Pará – Sincom**

Presidente: Raimundo Gonçalves Barbosa
(91) 3446-2564 / 3446-1184
sicomsmsg@hotmail.com
www.sindindustria.com.br/sicompa

☞ **Sindicato da Ind. Madeireira e Moveleira de Tailândia – Sindimata**

Presidente: João Batista Medeiros
(91) 3752-1233 / 3752-1309
sindimata@lidnet.com.br
www.sindindustria.com.br/sindimatapa

☞ **Sindicato da Ind. da Construção e do Mobiliário de Castanhal**

Presidente: Roberto Kataoka Oyama
(91) 3721-3835 / (91) 3711-0804
delegaciacaastanhal@fiepa.org.br / regina.cast@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sicmcpa

☞ **Sindicato da Ind. de Serraria, Tanoaria de Madeiras Compensadas e Laminados do Arquipélago do Marajó – Simmar**

Presidente: Declair Francisco De Oliveira
(91) 3783-1228
org.contabeis@bol.com.br
www.sindindustria.com.br/simmarpa

☞ **Sindicato da Ind. de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Pará – Sindirepa**

Presidente: André Luiz Ferreira Fontes
(91) 3254-5826 / 3244-8844
tecnover2@yahoo.com.br
www.sindindustria.com.br/sindirepa

☞ **Sindicato da Ind. de Frutas e Derivados do Estado do Pará – Sindifrutas**

Presidente: Solange Motta
(91) 3212-2619
sindifrutas@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindifrutasp

☞ **Sindicato da Ind. de Madeira do Baixo e Médio Xingu – Simbax**

Presidente: Renato Mengoni Junior
(93) 3515-3077
simbaxaltamira@yahoo.com.br

☞ **Sindicato das Indústrias de Ferro-gusa do Estado do Pará – Sindiferpa**

Presidente: Leonildo Borges Rocha
(91) 3241-2396 / 2347 / 4009-4884
anaclaudia@sindiferpa.com.br
www.sindindustria.com.br/sindiferpa

☞ **Sindicato das Indústrias Mineraias do Estado do Pará – Simineral**

Presidente: José Fernando Gomes Junior
(91) 3230-4066
presidencia@simineral.org.br
www.sindindustria.com.br/simineraispa

☞ **Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado do Pará**

Presidente: Frederico Vendramini Nunes Oliveira
(94) 3322-1953
sindileitepa@hotmail.com
www.sindindustria.com.br/sindileitepa

Comunicação e Inteligência Social

Muito prazer,
somos a Temple

- Agência especializada nos setores de Mineração, Energia e Logística.
- 25 projetos de comunicação social para licenciamento ambiental.
- 70 profissionais em atuação para empresas de classe mundial.
- 16 troféus ABERJE: empresa mais premiada da Amazônia por especialistas de comunicação.
- 15 anos de consultoria para marcas no Brasil, América Latina e África.

[temple]

www.temple.com.br

[f/templecomunicacao](https://www.facebook.com/templecomunicacao)

91 3205.6500



A MAIOR VITRINE DE PRODUTOS DO PARÁ CONTINUA EM 2013. NÃO ESQUEÇA DE RESERVAR LOGO O SEU ESPAÇO.



Belém, 22 a 25 de maio de 2013. Hangar.

Informações: Travessa Quintino Bocaiúva, 1588 - Nazaré (Belém-Pará) ☎ (91) 4009-4809 / (11) 3721-3116 / 99970-8329

✉ fiepa@fiepa.org.br / rita.mazzotti@wrsaopaulo.com.br 🌐 www.fiepa.org.br 📱 @SistemaFiepa 📘 SistemaFiepa

ORGANIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:

